

Blumenau

em

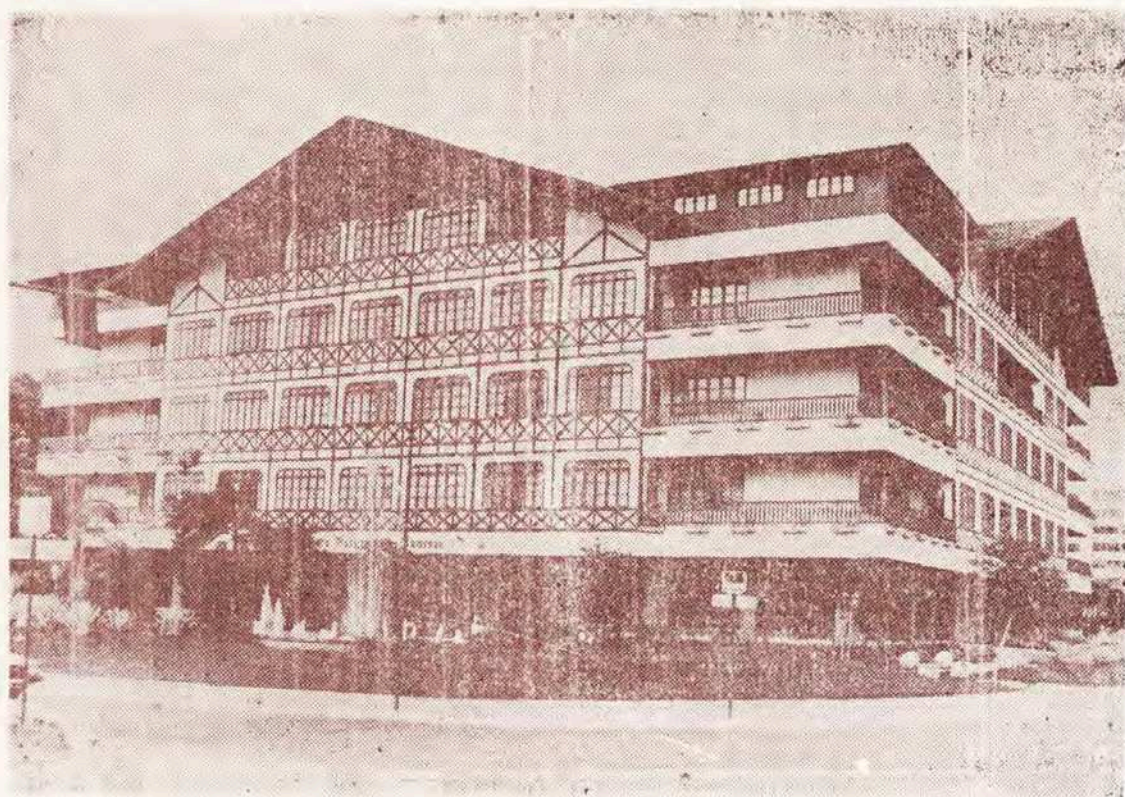
Cadernos

TOMO XXXIV

Agosto de 1993

Nº. 8

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Sul Fabril S/A.
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados
Auto Mecânica Alfredo Bretkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.
Casa Meyer.
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.
Casa Buerger Ltda.
UNIMED - Blumenau
Casa Flamingo Ltda.
Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
Família Atilio Zonta
Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIV

Agosto de 1993

Nº. 8

SUMÁRIO

Página

Ensino Público e Particular em Blumenau — W. J. Wandall	246
Toponímia Barriga-Verde — Theobaldo Costa Jamundá	249
Os Gonçalves de Leão em Santa Catarina — Antônio Roberto Nascimento	250
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	256
A Imprensa Jovem e Dinâmica da nossa Região	258
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	259
Enchente — Erna Deeke Hosang	262
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (IX) — Pe. Antônio Francisco Bohn	268
Faleceu Lauro Lara	270
Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff	271
A Degola de Procópio José de Bayer — Edison D'Ávila	272

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 200.000,00

Número avulso Cr\$ 40.000,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 400.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Foto: Prédio atual da Prefeitura, construído no governo Renato Vianna (1978/82), que após 11 anos retorna ao poder municipal, usufruindo da obra que construiu, reconduzido pela força do voto dos eleitores blumenauenses.

Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

ENSINO PÚBLICO E PARTICULAR EM BLUMENAU

W. J. Wandall

7. Colégio São Paulo merecedor de elogios

O pedido de uma subvenção solicitado ao governo provincial de Santa Catarina, encaminhado pelo Padre José Maria Jacobs, mereceu uma ampla discussão na Assembléia Provincial, encontrando uma acolhida apaixonada do Deputado Cristovão Nunes Pires, cujo teor da defesa apresentada naquela casa legislativa repercutiu, inclusive no Rio de Janeiro, tornando-se publicação do «Jornal do Comércio» da capital do Império.

Eis o teor da publicação:

«O Sr. NUNES PIRES. — Sr. Presidente, não posso deixar de combater este projeto porque vai consumir uma grande injustiça e ferir a instrução pública. (Apoiados). Sr. Presidente, é para notar, tendo-se votado aqui escolas até para arraiais, se queira agora tirar a subvenção ao Colégio de Blumenau, especialmente agora que este mais precisa, pois há pouco construiu um novo edificio em que gastou Rs. 14:000\$000.

O Colégio do Padre Jacobs tem tido cento e tantos alunos, internos e externos, e é um colégio nestas condições que se quer matar! A retirada da subvenção vai, sem dúvida, fazê-lo fechar a força. A pensão que pagam os internos de 1ª. classe é de Rs. 200\$000, os de 2ª. classe 120\$000 e os de 3ª. classe Rs. 60\$000 anualmente; ora já se vê que a casa com uma pensão tão diminuta não é possível tratar os alunos a vela de Rs. 60\$000 e 50\$000 mensais!

Admira, realmente, que o Sr. 1º. Secretário e o nobre líder da maioria, os mais empenhados em proteger a instrução pública, queiram matar um colégio nas condições do de São Peulo de Blumenau. Vejo na fisionomia do nobre líder o seu constrangimento; meteu-se num beco sem saída. Disse S. Excia., respondendo ao nobre colega, Sr. Barreiros, que não era perseguição política.

Eu não digo que seja, mas, creio que seja ainda pior: creio ser o dedo do protestantismo, para que não progridam na colônia as idéias cotólicas romanas. O Padre Jacobs é um dos melhores Padres de Santa Catarina e cumpridor de seus deveres. Sinto que o nobre deputado Sr. Asseburg esteja ausente, porque quando levei ali um filho meu, perguntei ao Sr. Asseburg que tal era o Colégio e respondeu-me que fazia bem em ali deixá-lo a educar; isso há mais de um ano.

Em Blumenau, para me certificar mais, perguntei a um negociante de critério e muito honrado, Sr. Luiz Sachtleben e ao Sr. H. Koehler Júnior, que me informaram bem relativamente ao Colégio. E, então, levei o meu filho e entreguei-o ao Padre Jacobs e não tive motivo de arrependimento.

O nobre líder disse que deseja é que a instrução será bem aproveitada; ora, como se quer isso, se se retira a subvenção na ocasião menos oportuna? O que predomina neste país é a destruição. Cria-se para depois se destruir. Desde

que se cria um estabelecimento como este, deve-se-lhe dar apoio e não retirá-lo. Como é que os Srs. Prado Faria e Thomaz de Oliveira querem consumir um ato que depois vai falar contra nós? O Colégio recebe pensionistas pobres que nada pagam. Existem alguns, e se outros se têm retirado é porque o Colégio está necessitando de auxílios.

Sobre a fuga de alunos direi que, retiraram-se alguns alunos porque muitos não querem sujeitar-se ao regime do Colégio. Diz o nobre líder que viu os meninos com as mãos grossas de trabalharem na roça; aqui bem perto, em Santa Isabel, existe um colégio onde os meninos pobres, que não podem pagar, trabalham na horta. E não é isso um fato digno de censura. A trabalho, conforme as forças de cada um, é um ato higiênico.

O Colégio de São Paulo de Blumenau é muito bem dirigido, mas hoje está lutando com grandes dificuldades. Fez um novo edifício com esmolas obtidas e ficou sem recursos. Então, bem vêem os nobres colegas que não é agora a ocasião de tirar-se-lhe a subvenção. Quer despir-se um santo para vestir-se outro.

Disse o nobre líder que aí não se ensina o idioma português perfeitamente. Concordo com isso, porque os professores são alemães e não podem, portanto, falar o português; então obrigue-se o Colégio a se tornar habilitado e não seja esse pretexto para negar-se a subvenção.

Recordo-me que, na 1ª. discussão deste projeto, o Sr. 2º. Secretário falou em informações do Sr. Dr. Fritz Müller; peço aos nobres deputados que não votem nesta ma-

téria sem estudá-la bem. Parece que há uma certa propaganda protestante que quer destruir aquele baluarte de propaganda católica.

Vou concluir, tendo defendido os interesses da instrução pública, ainda que mal. (Não apoiado). O nobre líder foi mal informado, ou vítima de uma tentação. (Risos). O nobre colega é meu amigo Sr. Lepper, que ficou meio incomodado comigo por haver eu falado no protestantismo, mas não sustentei isso, foi uma suposição».

Qual o resultado daquela discussão não conseguimos reunir nenhuma qualquer outra informação. No tocante ao solicitado pelo Padre José Maria Jacobs, também nenhum historiador ou outro informe se conseguiu, ficando o assunto sem uma resposta, pelo menos de nossa parte. Com a subvenção ou sem ela o fato é que o Colégio São Paulo conseguiu sobreviver à crise.

Com a implantação oficial do Município de Blumenau, em 1883 e o retorno do Dr. Blumenau para a Alemanha, em 1884, os novos dirigentes blumenauenses não só se preocuparam em dotar o Município com uma atuação comparável com sua nova condição, como ainda buscaram analisar os vários aspectos de suas atribuições, voltados para a educação, a saúde, a administração, as comunicações e, principalmente, para o bem-estar social. Como vinham de uma intensa atividade de recuperação econômica, face à catástrofe de setembro de 1880, a parte social mereceu prioridade básica.

No entanto, a crescente atividade política surgida com a nova categoria a que foi elevada a Colônia, naturalmente apareceu um intercâmbio maior de opiniões e

sentimentos, notadamente com a chegada de pessoas das regiões mais evoluídas do País. Apareciam lentamente, entre os blumenauenses, seguidores das idéias republicanas, em sua maioria contrários aos procedimentos monarquistas, desgastando-se a administração imperial a olhos vistos, face à avançada idade de Dom Pedro II e aos movimentos anti-escravagistas, crescendo de maneira apreciável no eixo Rio-São Paulo.

Como o Padre José Maria Jacobs era um ferrenho defensor da Monarquia, talvez pelos grandes favores recebidos da Côrte do Rio de Janeiro, sérios atritos teve com os primeiros administradores blumenauenses, em especial com o Dr. José Bonifácio da Cunha, médico baiano para cá trazido pelo amigo, Dr. Victorino de Paula Ramos, nos primeiros tempos da implantação do Município de Blumenau. Foi, inclusive Bonifácio da Cunha, na função de Inspetor Escolar do Município, quem denunciou o Colégio São Paulo de não ensinar a língua portuguesa aos seus alunos, resultando no corte da subvenção provincial, já abordada nas páginas anteriores.

Por outro lado, analisando a necessidade de se melhorar a qualidade do ensino no Município, pois as escolas existentes na Grande Blumenau careciam de um melhoramento substancial em sua capacidade de absorção de alunos, assim como, na quantidade e qualidade do seu quadro docente, pensaram os administradores em adotar medidas compatíveis e capazes de minimizarem aquelas necessida-

des, possibilitando dotar Blumenau de um ensino digno dos foros de Município vanguardeiro em Santa Catarina.

A ação dos interessados na melhoria do ensino público, foi facilitada por um fato assim narrado por Edith Kormann: «em 1885 representantes do comércio de Hamburgo (Alemanha) resolveram conhecer Blumenau, sendo procurados por pessoas da comunidade interessadas em conseguir uma escola pública. Com seu prestígio os visitantes procuraram interceder junto à Côrte do Rio de Janeiro, porém nada conseguiram. Para criar a escola os representantes do comércio de Hamburgo mandaram para Blumenau o professor Draht; organizaram em Hamburgo uma pequena associação de amigos, remetendo dinheiro inclusive do Kaiser e do Parlamento Alemão (Reichstag)».

A segunda parte do processo de implantação da escola em Blumenau deveria ser realizada pela comunidade local. O trabalho feito aqui é assim analisado pelo «Der Urwaldsbote Kalendar für die Deutschen in Sud Brasilien, 1900», traduzido por Edith Sophia Eimer: «em fevereiro de 1889 foram dados os primeiros passos para a fundação de um melhor estabelecimento de ensino na cidade de Blumenau. Existia até então uma escola melhor, sob a direção do religioso José Maria Jacobs, mas justamente para aqueles que não pertenciam a sua igreja, apresentavam-se inúmeros empecilhos, que por fim levaram à fundação de uma outra escola».

TOPONÍMIA BARRIGA-VERDE

(Referências municipais - II)

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

Sem preocupação com equívoco se pode dizer que dois municípios catarinenses homenageiam à memória de Anita Garibaldi, e três requerem a glória de ser a sua terra natal: dois dos três por intelectuais como W. L. Rauh, um gabaritado especialista em estudos garibaldinos com nome feito, no Brasil e na Itália, e mais onde se cultui a memória de GIUSEPE GARIBALDI (1807-1882), e como Licurgo Costa, um catarinense nascido em Lages (SC), diplomata aposentado como ministro e velho jornalista profissional. E mais ainda pessoa que sabe escrever e é o autor do livro **"O Continente das Lagens — Sua História e Influência no Sertão da Terra Firme"**.

Licurgo Costa e W. L. Rauh, desfrutam posições certas e maiores, nas Letras Brasileiras, entretanto cada um tem versão para lugar onde Anita Garibaldi nasceu, respectivamente, um diz ter sido em Lages e o outro diz ter sido na Laguna. Discordando dos dois existe em Tubarão (SC) quem admita por dedução que Anita nasceu lá: uma vez que o lugar foi lagunense até quando disposição legal passou a ser chão tubaronense.

A versão de W. L. Rauh está diluída no grande público lagunense, e a de Licurgo Costa alcança o universo acadêmico ou de interessados em aspectos históricos regionais.

Pela geografia dos Campos de Lages Anita Garibaldi passou peleando contra os imperiais. E ficou entendida na concepção do peleador campeiro-gaúcho como se fosse uma segunda alma do seu homem Giesepe Garibaldi.

Daí ter certo nexos o topônimo "Anita

Garibaldi" no município da Microregião dos Campos de Curitiba. — E entendamo-lo com uma referência um tanto com raiz na História dos farroupilhas passando por ali. Como se sabe: gaúcho de brio maior tem zelo grande pela qualidade farroupilha.

O outro município de topônimo homenageador da memória de Anita Garibaldi, é "Anitápolis". Este pertence a "Microrregião Colonial Serrana Catarinense".

Quem andou em demoradas pesquisas por ali e circunvizinhanças foi o padre Dall'Alba, pessoa de dedicado talento pragmático como vários títulos na Bibliografia Catarinense. E disse-me numa conversa e escreveu em páginas, que os pioneiros do lugar "Rio da Prata", não relacionavam conhecimento com o topônimo "Anitápolis".

Como se sabe este município é nessa subtraída do município de "Palhoça (SC)" e portanto, vem como outros, da região do município de "São José (SC)". O acanhamento dos lugares e mais os obstáculos naturais também o idioma dos colonizadores alimentaram um isolamento espacial. E os topônimos inspirados nos gerenciamentos de colonizadores ou pelo interesse desta autoridade homenageando aquela, nem sempre foram divulgados ou sequer ensinados. Esta distância entre povoador e executores de providências colonizadoras, captou Dall'Alba com os que moravam em chão catarinense chamado "Lauro Müller".

Entretanto, os caboclos como os colonos herdeiros de pioneiros, ao próprio modo cada um, depunham sobre o **combate sangrento da "Serra da Garganta"**. — E is-

to por que aquele ou aquel'outro estiveram engajados no pelotão da Polícia Militar de Santa Catarina operando, posicionamento, na Revolução de 1930.

E também quem divulgou "Anitápolis" foi a existência do Patronato Agrícola Anitápolis, que o Ministério da Agricultura, manteve instalado ali como unidade de ensino elementar agrícola. — Entenda-se bem, não foi uma colônia correcional. E sim uma unidade de ensino agrícola, de certo modo pretendendo formar novos agricultores com os filhos das famílias radicadas no fazeres e quefazeres da terra. — Na qual se tenha conhecimento hoje, que pelo modulado do terreno, exigiu muito e não respondeu compensadoramente. O Patronato Agrícola de Anitápolis fez parte do sistema de patronatos agrícolas mantidos pelo Ministério da Agricultura, onde o dr. Dulfe Pinheiro Machado, se tornou o mais interessado no envolvimento de crianças e adolescentes rurícolas sabedoras de técnicas agrícolas atualizadas.

— Quero dizer, que o dr. Dulfe Pinheiros Machado achou que o patronato agrícola instalado em Anitápolis, evitasse que os filhos de agricultores fossem inscritos na fila do êxodo rural. — Calculem que

isto aconteceu nos fins da década de 20. — E o êxodo rural não consistia sequer ser percebido. E se o idealismo não colheu sucesso se deve a impropriedade das condições topográficas para uma agricultura rentável. Mas reconhecer se pode que o idealismo do gaúcho dr. Dulfe Pinheiro Machado orientava para caminho certo. A aplicação do idealismo é que foi politicamente equivocada.

Voltando à crítica dos topônimos criados em gabinete como "Anitápolis", se tem "ANGELINA" (já comentado) ou se tem um como o que substituiu "Nossa Senhora do Desterro", "Florianópolis".

Se "Anitápolis" é Anita+polis, Florianópolis é Floriano+polis. — Logo, cidade de Anita e igualmente, cidade de Floriano. — Sendo Floriano, do Marechal de ferro Floriano Peixoto.

Se pode entender o simbolismo quanto encontrar em Anita Garibaldi uma energia para o sucesso. Porém entender que na Ilha de Santa Catarina o Marechal Floriano Peixoto mereça homenagem (...) — Não é fácil. — O acontecido em Anhatomirim em 1894, dificulta. E mais a mais o topônimo "Nossa Senhora do Desterro" já estava com a idade de um século e mais 68 anos.

OS GONÇALVES DE LEÃO EM SANTA CATARINA

Antônio Roberto Nascimento

O Capitão Marcos de Azeredo, nascido em Guimarães por volta de 1559, e falecido em Vitória (ES), depois de 19.5.1618, casou, em torno de 1589, com D. Maria de Melo Coutinha, com quem teve os seguintes filhos (1):

1. João de Azevedo Coutinho;
2. Belchior de Azeredo Coutinho;
3. Frei Miguel de São Marcos;
4. Antônio de Azeredo Coutinho;

5. D. Helena Coutinha;
6. D. Isabel Coutinha;
7. Domingos de Azeredo Coutinho.

Domingos de Azeredo Coutinho nasceu na Capitania do Espírito Santo, onde foi batizado aos 18.5.1596, tendo sido casado no Rio de Janeiro, por volta de 1619, com Ana Tenreira da Cunha, filha de Crispim da Cunha Tenreiro e de Isabel de

(1) — CARLOS G. RHEINGANTZ, Primeiras Famílias do Rio de Janeiro, Vol. I, 1965, p. 143.

Mariz, com quem teve, de seu turno, os seguintes filhos (2):

- 1.1. Capitão Marcos de Azeredo Coutinho;
- 1.2. Capitão Antônio de Azeredo Coutinho;
- 1.3. Bernardino de Azeredo Coutinho;
- 1.4. D. Maria Coutinha;
- 1.5. D. Ana Tenreiro da Cunha;
- 1.6. D. Cândida Coutinha;
- 1.7. Domingos de Azeredo Coutinho;
- 1.8. Crispim da Cunha Tenreiro;
- 1.9. D. Joana Coutinha;
- 1.10. D. Helena Coutinha;
- 1.11. D. Isabel Tenreira da Cunha.

D. Isabel Tenreira da Cunha nasceu no Rio de Janeiro, aos 18.6.1627 e casou, por volta de 1651, com o Capitão Luís Cabral de Távora, falecido em São Gonçalo (RJ), aos 22.5.1689, filho de Francisco Cabral de Távora e de Maria Maldonado, tendo, por sua vez, os seguintes filhos (3):

- 1.11.1. D. Isabel de Azeredo Coutinho;
- 1.11.2. Diogo de Azeredo Coutinho;
- 1.11.3. Capitão Tomás Gomes Cabral de Távora.

O Capitão Tomás Gomes Cabral de Távora (1169-1726) foi casado, em primeiras núpcias, com Josefa Correia de Mariz e, em segundo leito, aos 05.8.1694, também no Rio de Janeiro, com D. Maria de Melo de Vasconcelos, filha do Capitão André Ferreira da Silva e de D. Maria de Melo Vasconcelos. Teve, do segundo leito, dois filhos:

- 1.11.3.1. Tenente Diogo de Azeredo Coutinho;
- 1.11.3.2. Maria Coutinha de Melo (4).

Maria Coutinha de Melo nasceu em S. Gonçalo (RJ), por volta de 1698, e casou, aos 18.10.1718, com o Tenente José Ferreira Ramos, natural do Rio de Janeiro, filho de Ambrósio Ramos Ferreira e de Joana de Faria. Desse casal foi filha:

- 1.11.3.2.1. D. Rita Maria do Espírito Santo (5).

D. Rita Maria do Espírito Santo, natural da freguesia de N. S^a, da Candelária do Rio de Janeiro, foi casada com o Capitão Miguel Gonçalves de Leão (Júnior) natural da freguesia de Santo Antônio de São da Vila de Macacu, no Rio de Janeiro, filho de Miguel Gonçalves de Araújo e de Barbara da Costa, naturais da freguesia de N. S^a, do Desterro do Rio de Janeiro, conforme batismo do filho Henrique, aos 02.10.1754, na Ilha de Santa Catarina (6). Tiveram os seguintes filhos (7):

- 1.11.3.2.1.1. Tenente-Coronel Alexandre José Azeredo Leão Coutinho;
- 1.11.3.2.1.2. Coronel Henrique José Leão Coutinho;
- 1.11.3.2.1.3. Capitão David de Azeredo Leão Coutinho;
- 1.11.3.2.1.4. Ana de Melo Coutinho;
- 1.11.3.2.1.5. Miguel Nicolau de Azeredo Leão (8).

O Tenente-Coronel Alexandre José Azeredo Leão Coutinho, natural do Rio de Janeiro, foi Porta-Bandeira do Regimento da Ilha de Santa Catarina, quando foi a Portugal requerer a remuneração de seus serviços e de seu pai, depois que houve a reabilitação de seu nome. É que seu pai, Governador da Fortaleza de Anhatomirim, fora acusado de covardia no episódio da invasão espanhola, quando esteve preso pelos espanhóis. Depois de promovido ao

[2] — Ob. cit., p. 145.

[3] — Ob. cit., p. 159.

[4] — Ob. cit., p. 160.

[5] — O. R. CABRAL, Raízes Seculares de Santa Catarina, 1953, p. 83.

[6] — Livro n^o. 2 de batismos da Matriz de N. s^a, do Desterro

[7] — LUCAS A. BOITEUX, Os "Leão Coutinho", Blumenau em Cadernos Tomo I, n^o. 3, janeiro de 1858, pp. 49-50.

[8] — CABRAL, Raízes Seculares cit., p. 83.

posto de Capitão, Alexandre José Azeredo Leão Coutinho também se tornou Governador da Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, que assumiu aos 03.11.1787. Promovido a Major, foi reformado no posto de Tenente-Coronel pelo decreto de 14.1.1786. Em 1793, obteve sesmaria no Itajaí onde estabeleceu — ou já existia? — uma fazenda. Foi casado, em primeiras núpcias, com D. Fortunata Amélia de Azeredo Leão Coutinho Catela, filha de José Antônio Catela, natural de Milão, e de Ana Joaquina Catela, Enviuvando aos 26.2.1798, passou a segundo leito com D. Felícia Alexandrina Azeredo Coutinho. Faleceu aos 8 de outubro de 1815, havendo filhos de ambos os casamentos (9). Sua primeira mulher, D. Fortunata Amélia de Azeredo Coutinho, faleceu aos 27.2.1798 (10), declarando-se natural de Lisboa, filha de José Antônio Melo e de D. Ana Joaquina Melo, e casada com o Capitão-Governador Alexandre José de Azeredo Leão Coutinho, com quem tivera quatro filhos. L. A. BOITEUX (11) identifica os seguintes filhos:

- 1.11.3.2.1.1.1. Violante, falecida em 1793;
- 1.11.3.2.1.1.2. Maria, batizada aos 25.5.1796;
- 1.11.3.2.1.1.3. João, falecido;
- 1.11.3.2.1.1.4. Ilegível, já do 2º. leito;
- 1.11.3.2.1.1.5. José, do 2º. leito morto em 1800;
- 1.11.3.2.1.1.6. João, também do 2º. leito, estabelecido em Pedra de Amolar, de frente da Ilhota, à margem esquerda do Itajaí.

Creemos que o último fosse o João Pedro de Azevedo Coutinho, proprietário do lote nº. 28 da Carta Organizada pelo Departamento Estadual de Geografia de Cartografia referente ao ano de 1876 (12). Houve, também do segundo leito, a filha Carolina de Melo de Azeredo Coutinho, batizada em São Miguel e casada com o Capitão Benigno Lopes Moncam uruguaio, natural de Paisandu (13), filho de Félix Lopes, relojoeiro, natural de Biscaia, Espanha, e de Juliana Monção, natural de Paisandu. Esse Capitão tinha cinco irmãos que vieram para Santa Catarina com ele, entre 1814 e 1818, sendo citados "vários cunhados de Benigno, os Azeredo Leão Coutinho" que "tinham terras ao longo do Itajaí-Açu".

O Coronel Henrique José Leão Coutinho, já natural da Ilha de Santa Catarina (v. batismo acima), era sargento quando casou com Engrácia Joaquina (14), tendo sido assassinado em Santa Catarina, quando era Coronel de Milícias (15).

O Capitão David de Azeredo Leão Coutinho, natural da freguesia de N. S^a. da Candelária do Rio de Janeiro, casou, aos 07.9.1782, na Matriz de N^a. do Desterro da Ilha de Santa Catarina, quando seus pais já eram falecidos (16). com Mariana Angélica de Jesus, natural do Desterro, filha de Antônio Dias da Rocha e de Maria Rodrigues da Costa. Viúvo de sua primeira mulher aos 07.1.1786 (17), passou a segundo leito, quando era "Porta-Bandeira do Regimento desta Praça", com Faustina Luiza do Amor Divino, natural da Ilha de Santa Catarina, filha de Pedro Costa

[9] — L. A. BOITEUX, ob. cit., p. 50.

[10] — Primeiro livro de óbitos da Matriz de N. S^a. do Desterro.

[11] — Ob. cit., p. 50.

[12] — O. R. CABRAL, Brusque, 1958, p. 253.

[13] — JEAN R. RUL, Os Colonizadores do Vale do Itajaí, Blumenau em Cadernos Tomo XVIII, julho de 1977, nº. 7, p. 210.

[14] — L. A. BOITEUX, ob. cit., p. 50.

[15] — HENRIQUE BOITEUX, Santa Catarina no Exército, 1942, 1º. vol., p. 110.

[16] — 3º. livro de casamentos da Matriz de N. S^a. do Desterro.

[17] — Id. ib.

Cardoso (18), natural de Santo André da Vila de Mafra, e de Joana Maria de Santa Rosa, neta paterna de Manoel Cardoso e de Francisca Maria.

Ana de Melo Coutinho, batizada no Desterro aos dois de maio de 1759, foi casada com Estácio Borges de Bittencourt do Canto (19), negociante (20), filho de Joaquim Borges de Bittencourt do Canto e de Rosa Luiza de Jesus, com quem teve a filha Rita de Melo de Azeredo Coutinho, casa, por seu turno, com o Capitão-Mor Manoel José Pires da Silveira Casado, natural de Porto Alegre, filho do Capitão-Mor José Francisco da Silveira Casado, natural da Ilha do Pico, nos Açores, e de Bibiana Josefa Bittencourt do Canto, natural da Ilha Terceira. Desse último casal foi filho Manuel José Pires da Silveira, natural de Porto Alegre, onde nasceu em 1º. de janeiro de 1804, casado com Rita Fausta Correia da Câmara, natural também de Porto Alegre, aos 25.1.1825 (21).

Miguel Nicolau de Azeredo Leão, sem outras notícias.

Creemos que o Domingos de Azeredo Leão Coutinho (22) fosse filho de Alexandre José de Azeredo Coutinho, não de Miguel Gonçalves de Leão, segundo informou L. A. BOITEUX. Morava na "Volta Grande", à margem esquerda do Rio Itajaí. Fora, em 1786 (23), Capelão da Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim. Foi admitido na V. Ordem Terceira do Desterro aos 2.8.1822 (24), o que parece demonstrar não ter ele ido para o Rio Itajaí. Talvez fosse ele o Pe. Domingos Francisco de Sousa Coutinho que teve, com D. Genoveva Francisca de Sousa (25), o filho João Francisco de Sousa Coutinho, nascido no Desterro, aos 25.3.1804, onde faleceu também aos 11.9.1869, após importante

carreira pública e que foi casado com D. Cândida Júlia Marmontel Lacerda, filha de Antônio Silveira Lacerda e de D. Ana Maria Lacerda, com quem teve descendência.

No manuscrito "Notas para a História e Corographia da Parochia de São Pedro Apóstolo do Gaspar", parcialmente publicado pelo Pe. Antônio Brancisco Bohn (26), o sobredito João Pedro de Azeredo Coutinho recebeu sua educação de seu tio, o sacerdote Domingos. Segundo o mesmo documento, ainda, a primeira mulher do Tenente-Coronel Alexandre de Azeredo Leão Coutinho teria sido uma Josefa, com quem veio morar na barra do Rio Itajaí-Açu, por volta de 1790, com quem teve, além do referido João Pedro, a filha Maria. Esta última, após receber a herança de bens móveis, casou e foi morar em Porto Alegre. João Pedro, por seu turno, herdou uma légua de terras de frente por duas de fundo na margem norte do Rio de Itajaí, desde a Pedra de Amolar até a frente de Ilhota, perto da barra do Luiz Alves, que veio a ocupar, por volta de 1825, após dar baixa militar por motivos de saúde. Encontrou suas terras ocupadas por famílias pobres, casou com moça de uma dessas famílias, teve 10 filhos, entre homens e mulheres, e faleceu em 1875, já com idade avançada. Do segundo leito, Alexandre de Azeredo Coutinho teve apenas a filha Carolina, casada com Benigno Lopes de Mello, com quem teve os filhos: Pedro, Antônio, Ana e Maria. Os dois primeiros morreram ainda em solteiros, sendo que Pedro Lopes de Mello foi o "Pedrinho da Fazenda". Aliás, foi Maria que morreu solteira, pois Antônio Lopes de Mello foi herdeiro da Fazenda, transmitida a seus filhos empobrecidos, que a ven-

[18] — CABRAL, Raízes Seculares, cit., p. 39.

[19] — L. A. BOITEUX, ob. cit., p. 50.

[20] — CABRAL, Raízes, cit., p. 39.

[21] — L. A. BOITEUX, ob. cit., p. 50.

[22] — Id. ib.

[23] — CABRAL, Raízes, cit., p. 51.

[24] — W. F. PIAZZA, A Igreja em Santa Catarina, p. 239.

[25] — W. F. PIAZZA, Dicionário Político Catarinense, p. 187.

deram gradativamente. Ana teve um filho que morreu tísico, alguns anos depois da morte dela. Embora contenha preciosas informações acerca da família Gonçalves de Leão, é fácil perceber que o manuscrito citado contém algumas erronias.

Sabe-se, atualmente (26), que o Capitão Marcos de Azeredo, irmão de Antônio de Azeredo, era bisneto de Maria de Azeredo, filha de "uma negra da terra" (índia) do sertão de Porto Seguro, casada com Manoel Fernandes. O dito Alferes Antônio de Azeredo, morador da Vila de Vitória, Capitania do Espírito Santo, foi casado com Leonor de Queirós, também do Espírito Santo, sendo irmãos o pai dele e o pai dela, ambos bisnetos da referida Maria de Azeredo, mameluca. Ora, tanto Marcos como Antônio seriam já nascidos no Brasil, o que desfaz a presumida naturalidade lusa de Marcos, declarada em seu testamento. Além disso, Maria de Galegos, a mulher do Alferes Antônio de Azeredo Coutinho, era filha de Jorge de Sousa Coutinho — irmão do pai dele — e de Maria de Galegos, a mostrar que Marcos não nascera em Guimarães, conforme já se escrevia.

Outro equívoco que impende desfazer é o da naturalidade lusa do Pe. Bento de Sá Freire Azevedo Coutinho (27), também membro de tal família. Era natural do Rio de Janeiro, mais precisamente da freguesia de Jacarepaguã, onde foi batizado aos 5.8.1765 (28), sendo filho do Mestre-de-Campo João Barbosa de Sá Freire e de

sua segunda mulher D. Ana Maria de Sousa Pereira, neto paterno do Capitão Francisco Dias Ferreira e de sua segunda mulher D. Brites de Sá Soutomaior, e materno de Antônio Ferrão Castelo Branco e de D. Andreza de Sousa Pereira. Foi irmão de Antônio Barbosa de Sá Freire, casado no Rio Pardo, aos 22.11.1761 (29), com D. Gertrudes da Fontoura, filha do Tenente João Barbosa da Silva Gama e de D. Inácia Maria Velosa da Fontoura. Saint-Hilaire teve péssima impressão do Vigário Bento Barbosa de Sá Freire de Azevedo Coutinho, a despeito de lhe reconhecer certo grau de instrução. Em 1808, requereu e obteve 3.500 braças de terras em quadra, no lugar denominado Rio do Pirai, hoje Município de Joinville, onde pretendia instalar fazenda para criação de animais, ao lado das terras de Francisco de Miranda Coutinho e de um certo Lamim (30). Não sabemos se, de fato, chegou a instalar dita fazenda, mas faleceu em S. Francisco do Sul, aos três de dezembro de 1848 (31).

João de Azeredo Coutinho, descendente dessa ilustre família (32), traz alguns esclarecimentos sobre ela. Assim é que João Pedro de Azeredo (não Azevedo) Leão Coutinho foi casado com Tomásia Maria da Conceição, filha de Francisco Rangel de Britto e de D. Floriana Dias. Permitimo-nos acrescentar ao autor que a dita Tomásia tem seu batismo noticiado em 28.10.1816 (33) e que seu pai era Francisco Rangel de Mendonça, natural de freguesia do Pilar, filho de Antônio Rangel do Couto e de Ana Rangel de Brito, casa-

[26] — Blumenau em Cadernos, Tomo XXXII, fevereiro de 1991, nº. 2, p. 58.

[26] — DALMIRO DA MOTTA BUYS DE BARROS, Banhos, Resumos dos Processos de Casamentos do Bispado do Rio de Janeiro, Vol. 1, 1990, 1º. Fascículo, ano de 1675, pp. 10-12.

[27] — W. F. PIAZZA, A Igreja em Santa Catarina, 1977, p. 239.

[28] — C. G. RHEINGANTZ, Primeiras Famílias do Rio de Janeiro, 1965, Vol. I, p. 201.

[29] — J. GODOFREDO GELIZARDO, Genealogia Rio-Grandense, 1937, p. 179.

[30] — Arquivo Histórico de Joinville, cópias das sesmarias concedidas na região.

[31] — V. Blumenau em Cadernos, Tomo XXXII, junho de 1991, nº. 6, p. 183.

[32] — Reparos que se tornam necessários nas Pesquisas Históricas do Pe. F. Bohn, Blumenau em Cadernos, Tomo XXXII, pp. 173 e ss.

[33] — V. nosso A Descendência de Cornélio de Arzão em Santa Catarina, Blumenau em Cadernos, Tomo XXXI, dezembro de 1990, nº. 11/12, p. 261.

do na então Capela de S. João Batista de Itapocoróia, filial da Matriz de N. S^a. da Graça, aos 15.9.1813 (34), com Floriana Rosa da Silva, viúva de José Antônio Nunes da Silva e filha de Mathias Dias de Arzão e de Isabel Nunes da Silva, naturais de Paranaguá. João Pedro teve o filho David de Azeredo Leão Coutinho, morador na barra do Rio Luiz Alves, em terras herdadas ao genitor, que, à certa, herdara-nas ao progenitor, e casou, aos 11 de janeiro de 1879, em Gaspar, com Virgínia Maria de Sousa, filha de Manoel Francisco de Sousa e de Jesuína Maria de Jesus, com que teve o filho Saturnino de Azeredo Leão Coutinho, casado, por seu turno, aos 10.2.1917, também em Gaspar, com Maria Luíza Vieira Pamplona (Sinhá), filha de João Vieira Pamplona e de Luíza Leopoldina Müller, esta filha do alemão Jacob Müller e da brasileira Ana Maria Kehrbach, neta paterna de João Müller e de Ana Reinartz, os avós, também paternos, de Lauro Severiano Müller, consoante se vê no batismo do ilustre catarinense (35).

O coronel reformado Henrique de Azevedo (sic) Leão Coutinho morava na freguesia de São Miguel da Terra Firme, hoje Biguaçu (SC), e seu nome estava na lista dos eleitores, em 1833, para o cargo de juiz de paz (36). Foi seu filho, muí-

to provavelmente, o Alexandre Elói de Azevedo Leão Coutinho (37), vereador em 1853. Filha do já então finado Cel. Henrique de Azevedo Leão Coutinho foi D. Ana Amélia Pereira, dirigente da primeira escola pública provincial feminina (38), criada pela Lei nº. 192, de 28.3.1844. O Cel. Henrique obteve 70 votos, em 1836, nas eleições para escolha dos deputados às Assembléias (39).

Nos primórdios da povoação de Desterro (40), um Ignácio de Azeredo, natural de freguesia de N. S^a. de Macaê de fora do Rio de Janeiro, casou com Estella Soares, natural do Desterro, sendo testemunha Francisco Antônio Branco, o genro de Manoel Manso de Avelar.

Irmão do Capitão Benigno Lopes Monçam (v. supra) teria sido, a nosso ver, o José Antônio Monção, casado com Vicência Inácia, com quem teve a filha Maria Felícia da Graça, que foi morar em São Francisco do Sul, nas Laranjeiras, onde foi casada com Cipriano Alves de Espíndola, cujos bens ela inventariou em 1885 (41). José Antônio Monção já era finado em 1835 e sua filha teve quatro filhos francisquenses: João Francisco de Assis, Manoel Alves Espíndola, Cipriana Eufrásia de Jesus e Maria Jacinta da Graça, casada com José de Sousa Lopes (42).

(34) — Livro nº. 1 da Penha.

(35) — Cf. HENRIQUE DA SILVA FONTES, *Pensamentos, Palavras e Obras*, Terceiro Caderno, de Itajaí, 1963, p. 38.

(36) — Cf. IAPONAN SOARES, *Hist. do Mun. de Biguaçu*, 1988, p. 33.

(37) — Ob. cit., p. 37.

(38) — Ob. cit., p. 91.

(39) — Cf. W. F. PIAZZA, *S. Miguel e o seu Patrimônio Histórico*, 1970, p. 22.

(40) — Primeiro livro de batismos da Matriz de N. S^a. do Desterro.

(41) — Arquivo judiciário francisquense.

(42) — Id. ib.

FASCÍCULO SOBRE HOLDEMAR

A Fundação Catarinense de Cultura acaba de publicar mais um fascículo da série «Escritores Catarinenses Hoje», contemplando desta vez o romancista, contista e cronista Holdemar Menezes. É o quinto a ser publicado. Sempre com vinte e quatro páginas, ele contém uma entrevista especial, concedida a Flávio José Cardozo, uma cronologia bibliográfica ilustrada, um apanhado das principais apreciações críticas sobre a obra do autor, alguns textos de sua lavra, incluindo inéditos, e, por fim, uma bibliografia ativa e passiva tão completa quanto possível. O fascículo reproduz fotos, capas de livros e outras ilustrações relacionadas com o escritor e tem esmerada apresentação gráfica.

Na entrevista, Holdemar revela fatos de sua vida e descreve sua carreira. É interessante o trecho em que relata seu processo criativo, diferente no conto e no romance. Também é curiosa a história de sua opção pela literatura de ficção. E muitos outros tópicos que contêm importantes lições de arte e técnica literárias.

Autor de dois livros de contos, entre eles «A coleira de Peggy», com o qual ganhou o Prêmio Jabuti de 1972, três romances, dois volumes de crônicas e um ensaio, além de muitas participações em coletâneas e incontáveis trabalhos publicados na imprensa, Holdemar Menezes é um escritor consagrado e este fascículo lhe faz justiça, além de contribuir para a divulgação de seu nome e sua obra.

NO LIVRO DE OTTO

Em seu livro póstumo «Bom dia para nascer» (Cia. das Letras — S. Paulo — 1993), o saudoso Otto Lara Resende escreveu o seguinte: «Outro carteador emérito foi Monteiro Lobato. Durante mais de quarenta anos trocou um sem-número de cartas com Godofredo Rangel. «Isso de cartas é sapato de defunto — depois que o autor morre é que elas aparecem», escreveu Lobato, quando resolveu publicar **A Barca de Gleyre**, com as suas cartas. O que é uma pena é que até hoje não tenham aparecido as cartas de Godofredo Rangel para Monteiro Lobato. O paulista e o mineiro tinham temperamentos diferentes, quase opostos. Lobato, empreendedor, cosmopolita, tagarela. Rangel, um bicho de concha, tímido, taciturno. Enéas Athanázio lembrou-o em **O Amigo Escrito**, título da biografia que publicou e que tem a ver com a epígrafe de Monteiro Lobato: «Não somos amigos falados, somos amigos escritos». Lobato saiu de Taubaté e andou pelo mundo. Rangel viveu e morreu em Minas. Só se viram quando estudantes em São Paulo». (Pág. 120).

E por falar nisso, a Academia Brasileira de Letras acaba de preencher a vaga do escritor mineiro, elegendo para ela o jornalista Roberto Marinho. Pobre Otto! Deve estar se retorcendo no túmulo. Cada vez entendo menos os propósitos da conspícua instituição.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

O Prof. Odilon Nogueira de Matos, editor da revista «Notícia Bibliográfica e Histórica», da PUC de Campinas, acaba de publicar o livro «Páginas Catarinenses», reunindo depoimentos de viajantes estrangeiros sobre nosso Estado. É uma edição da Pontes, daquela cidade. *** SER — Editora Ramos, de Brasília, acaba de publicar um caderno especial com poemas de Adair José de Aguiar com o título «Migalhas de Poemas». Poeta e contista, Aguiar é autor de uma obra vasta e que começa agora a vir a público. *** Está circulando número 3 de «Ô Catarina!», suplemento cultural da FCC, contendo reportagem de Raul Caldas Filho sobre a era do rádio em Santa Catarina, entrevista com o poeta e artista plástico Hugo Mund Jr., contos, crônicas, artigos, notas e outras matérias. *** Está circulando também o número 45 do suplemento literário «A Ilha», comemorativo dos 13 anos de existência do grupo e da revista, contendo artigos e poemas de seus integrantes, sempre liderados por Luís Carlos Amorim. *** Ele também acaba de publicar a «sanfona» **Todas as Crianças**, contendo seis poemas recentes de sua autoria.

EVENTOS

A Academia Catarinense de Letras promoveu sessão da saudade para reverenciar a memória de Nereu Corrêa, o grande crítico conterrâneo falecido no ano passado. Vários oradores se manifestaram e foram recordados fatos de sua vida e trechos de sua obra. *** Paschoal Apóstolo Pítsica lançou em Florianópolis o livro «A Capitania de Santa Catarina — Alguns Momentos», de sua autoria, no Palácio Cruz e Sousa. *** O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina promoveu no final do mês passado a XII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica e se prepara para promover o II Encontro Catarinense de Micro-História, a ocorrer de 1º. a 4 de setembro próximo, na cidade de Joaçaba. Maiores informações podem ser obtidas pelo telefone (0495) 22-0288. *** O artista plástico Elio Hahnemann promoveu exposição de óleos e aquarelas de sua autoria no salão de festas do Teatro Carlos Gomes, em Blumenau. *** A Editora Paralelo 27 vem promovendo reuniões com escritores para elaborar um projeto editorial para nosso Estado. Espero que ele se concretize e não seja mais uma iniciativa frustrada como tantas outras que tenho visto. *** Realizou-se em Blumenau, com grande sucesso, a XI Conferência Estadual de Advogados Catarinenses, numa promoção do Conselho Seccional e da Subseção de Blumenau da OAB, com a participação ativa de professores, profissionais da área jurídica e estudantes.

CULTIVANDO O HAICAI

Do conhecido poeta Cláudio Feldman, transcrevo o seguinte:

«AMADA

Teu olhar fabrica
Todas as noites
A estrela da manhã».

A IMPRENSA JOVEM E DINÂMICA DA NOSSA REGIÃO

Tem sido agradável para nós, que editamos esta revista há quase dezesseis anos, receber com frequência, os novos jornais que surgem em nossa região. São órgãos de imprensa que só podem orgulhar aos que os editam. Trazendo em seu bojo material atualizado e objetivo, buscando, através de suas páginas dar destaque ao que tudo de bom se faz na região — cada um deles destacando a atividade de sua comunidade — a par de uma redação excelente, linguagem esmerada sob todos os aspectos, estes novos mensageiros dos anseios de suas comunidades integram-se perfeitamente ao que há de melhor na imprensa de nossa região, Estado e País, modernizando-se em suas colunas, páginas, excelente diagramação, sem, no entanto, deixar de cumprir fielmente o que a boa imprensa deve ter em seus objetivos: prestar serviços à comunidade, exaltar aos que trabalham pela mesma e, assim colocar à frente dos leitores, as figuras que passam a merecer seus aplausos.

Os redatores destes jornais são pessoas jovens. E cabe a eles, naturalmente, conduzir a opinião pública de cada espaço que ocupam, da maneira mais justa e perfeita para que estes leitores, bem esclarecidos, sejam, amanhã, também, eleitores esclarecidos para saberem escolher os representantes de sua comunidade.

Os jornais aos quais nos referimos, são os seguintes: primeiramente lembramos que há muitos anos o "Noticiário Cremer", que abrange a comunidade formada

pelos milhares de cidadãos que têm sua sobrevivência ligada à aquela empresa. O "Noticiário Cremer" já está nos seus 26 anos de circulação. Destaque-se, também, o "Jornal da Noite", que circulou pela primeira vez no dia 1º de dezembro de 1982, portanto, há quase 11 anos. Este também já firmou seu elevado conceito em Blumenau e na região. Agora vamos aos mais jovens da nossa imprensa: "Tribuna do Garcia" — circula há quase dois anos e está no nº. 10. É porta-voz do populoso bairro que lhe dá o nome e seu conceito cresce a cada edição. "Ascurra" — está no seu 6º número e já tem conceito garantido na comunidade do vizinho município, pela seriedade e oportunidade de seu material de divulgação, inclusive buscando, em cada edição, resgatar a história do município. "A Verdade" — Em notícias — está no seu nº 7, primeiro ano. Apoia tudo o que de bom se faz no serviço público e seu conceito tende a crescer muito, pelo estilo de sua redação e bela diagramação. "Jornal de Pomerode". — Está no seu 5º número, com bela feitura e excelente redação e reportagem. O vizinho município tem, agora, um forte porta-voz que poderá destacar com vigor todas as boas iniciativas da administração e de suas classes produtoras e conservadoras.

Como observação final, queremos lembrar que não encontramos nestes jornais o necessário "Expediente" para conhecermos seus redatores e diretores responsáveis, a excessão do "Cremer" e do "Jornal da Noite".

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta,

- Elementos preciosos de valor histórico irão compor a História de Ascurra;
- Primeiro jornalzinho editado em Ascurra, agosto de 1913;
- Visita Oficial do Governador Irineu Bornhausen.
- Padre Salesiano Benze a Indústria de Madeiras Ascurra Ltda. e,
- Bodas de Ouro Matrimoniais em Guaricanas.

Queremos, ao compor a História da Imigração Italiana, Fundação e Desenvolvimento de Ascurra, narrar com todos os pormenores, inicialmente, na revista «Blumenau em Cadernos», o produto de nossas pesquisas realizadas em registros públicos e materiais tradicionais, e ainda o que se consegue levantar em entrevistas junto à pessoas de idade respeitável, as quais, guardam em sua lembrança, fatos sucedidos de alta relevância da Colônia, onde nossos ancestrais se implantaram na década de setenta do século passado. Todos esses elementos preciosos, de valor histórico, irão formar a História de Ascurra, cujo livro será lançado quando todos os fatos averiguados forem compilados minuciosamente. Nesses registros públicos que foram destinados a cópias textuais de documentos, com datas autênticas, há pouco tempo neles encontramos, também, que em agosto de 1913, uma agradável surpresa invadiu os corações de todos os moradores dessa Colônia. Um jornalzinho intitulado 'La voce del parroco in famiglia», inteiramente manuscrito, cujo formato era de 27x36 cm com 4 páginas, publicado em idioma italiano, começou a despertar muita curiosidade em meio aos po-

bres colonos. Em destaque, na primeira página de seu primeiro número, o editor prestou relevante homenagem a Dom João Borges Quintão, que viria a ser o sucessor do bispo titular da Diocese de Florianópolis, Dom João Becker. A população de Ascurra, um tanto eufórica com a notícia, habituada às rezas quotidianas, católicos praticantes e zelosos que liam com relativa dificuldade, porém, o catecismo escrito em italiano, ficaram ansiosos por conhecer a biografia do novo antistote, em cujas páginas desse periódico recém-lançado, não conseguiam encontrar a história da vida de Dom Quintão. Frustrados, perguntavam aos transeuntes que se dirigiam às próprias choupanas «qui é il vescovo?» (quem é o bispo?).

Ocorreu, porém, que o reverendo João Quintão, indicado a plenitude do sacerdócio pelo Sumo Pontífice, não gozava de saúde e renunciara a ordenação episcopal antes de receber o Ofício do Vaticano.

Esse jornalzinho, posteriormente, foi impresso nas oficinas tipográficas de Hoemke Irmãos, estabelecidos na sede do município de Blumenau. Ignora-se, entretanto, o tempo de vida do periódico,

«La voce del parroco in famiglia». Padre João Canônico, que fora nomeado o primeiro vigário da Paróquia de Ascurra, em 1912, fez o lançamento dos primeiros números por sua inspiração e, portanto, fora indubitavelmente, o seu fundador e redator.

Nas oficinas de Hoemke, o número 4 deste mensário, o de novembro de 1913, de formato 23,50x 33cm com 4 páginas, em duas colunas abertas, trazia à população da Colônia de Ascurra, vários artigos de cunho religioso, em idioma italiano, porém, (um deles: Pelo desenvolvimento da Indústria, em português). Uma das metas prioritárias de «La voce de parroco in famiglia», (A voz do pároco na família) era demonstrar simpatias voltadas para o governo italiano e a sua política exterior. Vimos aí, portanto, como surgiu o primeiro jornalzinho genuinamente ascurrense que começou a circular na povoação italiana, lançado pelo primeiro vigário Padre João Canônico.

Apesar do isolamento cultural dos italianos estabelecidos em Ascurra no início da colonização, devido à distância geográfica das colônias dos centros populacionais já existentes no médio Vale do Itajaí-açu, as famílias ficavam sedentas de notícias e procuravam, esperançosas, o pároco ou os padres que, com pouca frequência lhes davam assistência espiritual, para inteirar-se do que ocorria em Blumenau e, máxime, em seus países de origem. Tudo, porém, era extremamente difícil, senão impossível deles obterem notícias de seus parentes e amigos que deixaram no além mar, ou mais, especificamente, na Itália longínqua.

Lugar de lazer não havia em

Ascurra, como já tecemos considerações sobre esse assunto, em outros capítulos. Mas os novos habitantes italianos que se radicaram em meio às matas virgens nessa tão pequena colônia, após terem construído suas choupanas para morar, nos finais de semana conseguiram edificar um capitel de troncos de árvores e o dedicaram a Santo Antônio, na localidade de Val Nova, para, aos domingos e em dias santos de guarda, reunirem-se afim de elevar seu pensamento a Deus numa prece. Faziam, ao mesmo tempo, tríduos e novenas em honra ao grande santo, cuja devoção já a cultuavam em seu país de origem. Mas, logo que se implantaram na Colônia de Ascurra ergueram uma cruz no morrinho do caminho que demandava a Ribeirão São Paulo. E lá se juntavam todos a cantar e rezar e relembrem os dias remotos de sua infância e, sobretudo dos parentes e amigos que jamais teriam condições de revê-los. As orações ajudavam-nos a amenizar a saudade e a lembrança de sua Itália.

Em 28 de junho de 1953, visitou a paróquia de Ascurra, o Monsenhor Arruda Câmara, Deputado Federal e Presidente do Partido Democrata Cristão, (P.D.C.), que à noite, no Salão do Ginásio «São Paulo», fez demorada e aplaudida conferência contra o divórcio no Brasil. Acorreram para ouvi-lo, representantes de todas as Capelas que pertenciam à referida paróquia.

Aos 29 do mesmo mês e ano, festa de São Pedro e Dia do Papa em cujas missas foi lida a Circular expedida pelo Bispo da Diocese de Joinville, segundo a qual, comunicava às Paróquias, a visita de Nossa Senhora de Fátima Peregrina, e

que visitaria também, Joinville, São Francisco, Itajaí e Blumenau, de 30 de junho a 4 de julho.

No dia 22 de agosto de 1953, o Governador Irineu Bornhausen, fez visita oficial a Ascurra. Nesse distrito, foi solenemente recebido na balsa e em seguida, procedeu-se ao lançamento da primeira pedra da ponte a ser construída sobre o Rio Itajaí-Açu. Na ausência do Padre Vigário Alfredo Bortolini, que se encontrava internado no Hospital de Rodeio, Padre Ivo Junkes, benzeu a primeira pedra e Padre Walter Ivan de Azevedo, hoje Bispo da Diocese do Rio Negro, Amazonas proferiu vibrante discurso saudando a visita oficial de Irineu Bornhausen, Governador de Santa Catarina, e agradecendo a dádiva que Ascurra estava recebendo do Governo do nosso Estado. As 12:00 h no Hotel Ângelo Zonta, foi oferecido ao Chefe do Estado e comitiva, bem como, às autoridades de Ascurra, Indaial e Rodeio, um banquete regado a vinhos fabricados artesanalmente em Guaricanas. Após o ágape, visita oficial ao Ginásio «São Paulo», sendo alvo de carinhosa homenagem ao som da banda do Colégio Salesiano.

No dia 8 de novembro de 1954, na sede do distrito de Ascurra, um Padre do Colégio «São Paulo», benzeu a nova medeiraira, propriedade de Eugênio Poffo, Aristides Sacenti e Emílio Poffo, hoje sob a razão social de Indústria de Madeiras Ascurra Ltda.

Grande festa em Guaricanas, quando no dia 7 de novembro de 1954, foram solememente festejadas as Bodas de Ouro de matrimônio de João Fistarol e Filomena Fistarol. Pela manhã, às 8:00 h houve na matriz de Ascura, missa solene

em ação de graça, celebrada pelo filho do casal, Padre Virgínio Fistarol, Diretor do Instituto São Francisco de Sales e Vigário da paróquia São João Bosco, Riachuelo, Rio de Janeiro. O celebrante foi acolitado pelos reverendos padres Angelo Moser e Silvio Mondini, salesianos, parentes dos jubilares e naturais de Guaricanas.

Iniciando a cerimônia, revestida de extraordinária pompa, falou o Padre Fistarol, tecendo belíssimas considerações sobre a sanidade do sacramento do matrimônio. Os aspirantes do Colégio «São Paulo» executaram a «Missa Pontificalis» de Perosi, a 3 vd. Ao meio dia, na residência do casal, em Guaricanas, houve lauto banquete oferecido aos Padres, parentes e amigos da ditosa Família Fistarol. A banda de música do Ginásio, abrilhantou a solene festa de Bodas de Ouro Matrimoniais do casal João e Filomena Fistarol.

ASCURRA, TERRA VESTIDA DE LUZ E COROADA DE MONTES.

Na próxima edição desta revista:

- Modalidades de esportes em Ascurra;
- Provisão de Cura a favor do Pe. Canônico;
- Pe. Alfredo Bortolini, nomeado Vigário;
- Eleições em 3 de outubro de 1950;
- Atuação dos Vereadores e;
- Solene inauguração do Órgão da Matriz.

"ENCHENTE"

ERNA DEEKE HOSANG

Memórias relativas a enchentes em Blumenau e região, relatadas pela senhora Erna Deeke Hosang (em alemão) e traduzidas por Antonio Walter R. Junior.

ENCHENTE

(Hochwasser — überschwemmung)

"Eu creio que era: 1880-1888.

Era uma noite muito escura. chovia já alguns dias. De repente: uma trovoad! Relampejava; vinha um trovão após o outro. Como "aos cântaros", vinha a água do céu.

O filho do Augusto: o velho e o jovem; moravam em Rio da Luz.

Os colonos fugiam, pois o rio não suportava mais o volume de água crescente, sendo que já transbordava e corria através das ruas, nas casas e celeiros, arrastando tudo o que estava nos terrenos baixos. Assim, a água vinha também nos filhos do Augusto, que necessitavam ficar em cima da mesa na casa. A água corria tão forte que levava tudo. pequenos pássaros, galinhas, pintinhos, ninhos com passarinhos, porcos com seu chiqueiro.

A chuva recomeçava. Os colonos alemães estavam instruídos para seguirem para as áreas mais altas do Vale. As casas ficaram guardadas e se algum feroz animal selvagem viesse, seria abatido: cobras, tamanduá, porcos-espinhos, etc... Continuava a trovejar e a chover.

Os sapos-bois faziam muito ba-

ruho; os porcos-espinhos gritavam. Numa oportunidade, o avô construiu uma escada com grandes bastões de madeira muito dura, um bom cipó; aí surgiu uma escada: com pequenos bastões, bem amarrados juntos com cipó, tinha uma escada para poder olhar o telhado e ver se em algum lugar alguma telha estivesse quebrada. As telhas eram de tocos de madeira, aliás de boa qualidade. Porém, estava chovendo através delas. Os bisavós moravam mais para cima, as lanternas a óleo estavam sempre prontas e cheias de óleo; também as lamparinas estavam sempre prontas e cheias de óleo; também as lamparinas estavam sempre prontas com óleo para a noite.

A chuva continuava a cair; eram já bem 2 ou 3 horas da manhã. Cada um deles pegou uma lanterna muito boa e um bastão. Não havia claridade. A lanterna queimava e proporcionava uma boa luminosidade. Assim, eles iam ver: como eles também iam seus filhos com as respectivas mulheres e suas crianças. A água ia até os joelhos; tudo vinha chegando: baldes de ordenha, panelas, tonéis de manteiga, pequenos bancos, porcos, galinhas, bezerros, era uma gritaria e ainda o barulho dos animais. Todos estavam com suas lanternas e chegavam as crianças. Estes já tinham um metro de água em casa; as mães, com suas crianças, sentavam-se sobre as mesas. Havia água nas camas. O avô tinha uma lanterna com cipó na escada e queria procurar lá em cima um lugar para as mulheres e as crianças. Aí chegaram o pai e a mãe para ajudar. Como a noite estava escura, eles necessitavam da lanterna a óleo e a lamparina para ajudar.

Todos agradeciam, dando graças a Deus, pois as crianças estavam vivas.

No dia seguinte, praticamente tudo foi recolhido novamente: os tonéis

de manteiga, os baldes da ordenha, os soquetes, os pilões, etc..

Passado meio ano, chegava um vapor da Alemanha e trazia tudo para construir uma casa nova (como pregos, por exemplo). Foram cortados cipós suficientes para a construção de cercas.

No vapor, havia tecidos de linho para as roupas. Assim, a vida continuou normal na nova economia doméstica.

Era 1880.

Frederico Deeke e Christiane Johanna Kronberger, moravam com sua família em Blumenau, onde hoje estão as dependências do Teatro Carlos Gomes. Era uma colina e do lado, mais adiante acima, o canal chamado antigamente de "Peterskanal" (Canal do Pedro).

Próximo, moravam novos pioneiros (principiantes): o marido, a esposa e uma filha (mais ou menos com a idade de 12 a 13 anos).

Eles falavam um alemão engraçado, muito cômico; por isso, minha avó não conseguia conversar bem com eles. Eles eram, eu creio, da Saxônia (Alemanha). Suas vestimentas eram muito meticulosas, geralmente vermelhas, muita rebuscadas, com pregas e bordados; as blusas rendadas e com gregas; os aventais bem franzidos, com um bom laço, tudo de primeira qualidade.

Eles moravam muito bem. Passado um ano aqui eles tinham uma simpática e confortável casa, muitas louças de primeira qualidade, assim como talheres, xícaras, enfim, tudo o que eles tinham trazido junto de seu país (Alemanha) em boa ordem. Do lado da casa ficava uma grande floresta. Daí veio a enchente de 1880. Felix Deeke tinha 15 anos de idade.

Eles cortaram algumas árvores, chamadas "Maria Mole" para construir

canoas. Com isso, eles poderiam salvar muito, saindo pelo Ribeirão Garcia, por onde hoje é a Colina do Cemitério Evangélico.

Durou ainda uma semana a enchente, até que o nível das águas diminuisse.

O avô e Felix se arriscavam, apesar de tudo, para ir ver sua casa na colina.

A casa estava novamente livre, porém na "baixada" estava ainda tudo embaixo da água.

Decorreram ainda alguns dias até que eles voltassem para a casa.

Depois, eles tiveram que procurar também a casa do vizinho, que tinha sido arrastada. O Felix disse para seu pai: — "Papa, onde está a casa do Batcha (ou Batschauer, era mais ou menos assim que se chamava)?". Felix e seu pai procuravam através da lama e entulho e não tinham o que achar.

"A...", dizia o avô: "Deve estar no Monte". (onde hoje está o Hospital Católico).

Mais uma vez, no dia seguinte, iam eles com as pessoas procurar.

A grande árvore ainda está lá: estava, na ocasião, cheia de entulho, musgo e lama.

De repente, Felix viu algo preso na árvore. Ele gritou:

— "Fides, Marie, Papa, Mama, etc." (chamando todos).

Lá, no topo da árvore, estavam todos bem amarrados: no galho mais alto, a filha, amarrada e bem presa com seu próprio avental; também a mulher, bem amarrada com seu avental e o marido, com seus suspensórios, também bem amarrado: Todos mortos.

A água tinha ido também sobre a árvore; certamente eles sentiram que estariam salvos na árvore, ao contrário do telhado da casa.

Infelizmente, o homem, pensando

na segurança da família, tinha amarrado todos muito bem; porém tudo foi em vão: todos os três foram sepultados no cemitério da colina.

Alguns anos depois foram plantadas três "palmeira do rei" no local, as quais estão ali ainda hoje. (Já estão há 100 anos lá).

Algum tempo depois, ocorreu novamente uma terrível enchente. Todos os acontecimentos desta foram relatados por meu pai, quando ele já estava doente, na cama, em 1943.

Esta família que morreu, conhecida por Patischa ou Batschauer; eram pessoas muito bonitas. A menina era muito loira, com longas tranças. Felix então com 15 anos, tinha se apaixonado pela linda menina. Ele sempre me contava desta linda garota loira com tranças, e seu destino cruel.

— "Não, não!! Foi horrível! Eu penso sempre nos três amarrados no topo da árvore; que destino triste teve esta boa gente...", dizia ele.

1911 — ENCHENTE

Papai, Mamãe, com suas crianças. Todos viviam em Rio Serro — Rio da Luz — em Jaraguá do Sul.

Mamãe tinha sempre muito o que fazer: cuidar de seu escritório, os mapas que o papai trazia, após haver medido as terras.

Porém, ele trazia apenas as indicações desenhadas de um grosso modo, em um pedaço de papel. Daí a mamãe precisava refazer precisamente o mapa em um papel de boa qualidade: onde corria um ribeirão, grandes elevações, colina, pedreira, etc.

Eles tinham sempre muitos funcionários que cuidavam dos animais, os quais conduziam as carroças a boi. As empregadas domésticas trabalhavam habilmente, e ajudavam na casa.

Mamãe também precisava costurar muito para suas crianças e realizar ou-

tras tarefas da casa: fazia bolos e cozinhava muito bem, especialmente aves recheadas.

Tínhamos também muito mel, cerveja, temperos e licores. Mamãe comunicava sempre às senhoras e suas filhas da necessidade de ajuda no serviço; assim, mamãe podia ensinar todos os seus conhecimentos para as meninas (aprendizes), especialmente costura.

Perto de nossa propriedade existia uma colônia, mais acima, em uma grande planície, às margens do Rio Serro. Ali moravam italianos. Eles vinham muitas vezes nos visitar e ficavam maravilhados com o escritório da mamãe: especialmente pelo polimento e qualidade da madeira, as janelas de vidro, etc.

Meus pais foram presenteados, no casamento, por parentes da Alemanha, com um serviço completo para café e jantar. Eram porcelanas finíssimas: "Kaiser Wilhelm" (Imperador Guilherme).

Eles examinavam tudo e se admiravam.

A mamãe já podia até falar um pouco em língua italiana, o que ajudava bastante.

Certa vez, uma senhora disse à minha mãe: "Senhora administradora (era assim que todas as pessoas se dirigiam à minha mãe em Rio Serro e arredores) — "Senhora administradora, eu gostaria muito se minha filha Mariazinha ficasse aqui, para que a senhora ensine tudo o que puder".

Mariazinha tinha mais ou menos 15 anos de idade, era muito amável e aplicada. Assim, seus pais vinham sempre visitá-la. Ela tinha também um irmão com 8 anos de idade.

Um dia, em 1911, veio uma terrível enchente. Chovia muito, escureceu de repente, reiampejava muito e a trovoadas era muito forte um estrondo após o outro.

Durou ainda alguns dias. Certo dia,

já era tarde da noite, os porcos-espinhos gritavam na floresta e os sapos-bois coaxavam. O vento zunia e bramia.

O ribeirão estava ruidoso = o rio Serro muito barulhento e estrondoso acima das pedras e cercas.

O papai e a mamãe estavam apavorados. A noite era muito escura e as lamparinas queimavam em cima da mesa. Porém, a luz era muito fraca e havia muita escuridão, pois não havia lua e nem mesmo estrelas.

Também a Mariazinha estava preocupada e muito apavorada. Nesta noite ela abriu um pouco a janela e olhava a escuridão.

De repente, escutou-se uma voz chamando (em português). "Ai Deus... Ai Deus, minha filha..."

Mariazinha, assim como papai e mamãe escutaram. Porém, não dava para ver nada, Mariazinha se levantou e disse para a Sra. administradora (Frau Landrat, em alemão):

— "Eu escutei a voz da minha mãe!"

O nervosismo e alvoroço foram grandes. Quando amanheceu foram avérguar. Mariazinha correu depressa do Rio das Almas (Rio Alma) até um Morro; de lá podia ver a casa de seus pais. Logo ela voltava gritando:

"Meu Deus, meu Deus, a casa toda foi levada embora...; quem gritou foi a minha mãe ("Ai Deus, ai Deus, minha filha Mariazinha..."), a mamãe viu a luz aqui na mesa e percebeu que aqui estava a casa da Senhora administradora".

Toda casa havia sido arrastada! Lá no telhado estavam o homem, a esposa, e o filho com o cachorro. Quando amanheceu, o homem agarrou o galho de uma árvore: todos estavam sentados sobre o telhado, que já estava praticamente destruído: as telhas eram firmes, porém já estavam fracas, com a correnteza violenta que levava a casa.

O garoto conseguiu alcançar um galho. Porém, a mãe, que queria também pular para um galho, caiu junto com o pai da Mariazinha, pois o cachorro pulou e quebrou o galho. Assim, eles não tinham onde segurar e tentaram nadar. Tudo foi em vão pois eles foram levados pela correnteza, que estava muito forte, arrastando tudo por uns 200 metros até a barragem de uma serraria.

A casa toda se quebrou e eles afundaram juntos.

Pai e mãe (da Mariazinha) morreram. Alguns dias depois foram encontrados os corpos, quando o nível do rio diminuiu nas margens. Ambos foram enterrados no cemitério, junto aos Weege — Piazero, na embocadura do Rio Serro e do Rio Jaraguá.

Todos ajudaram Mariazinha e seu irmão, inclusive com vestuário e alimentação.

Por um longo tempo eles moraram conosco. Minha mãe costurou roupas para Mariazinha e seu irmão, pois eles perderam tudo.

Passados alguns meses, vieram seus parentes de Rodeio e Ascurra. Eles foram embora com os tios.

Mamãe lembrava sempre deles; porém o nome da família eu não me lembro mais.

1917-1918: nós mudamos para Rio do Sul.

Nunca mais soube da Mariazinha e de seu irmão. Nas brincadeiras de criança, sempre nos lembrávamos das palavras em português: — "Ai Deus, ai Deus, minha filha Mariazinha..."

1920

Papai e mamãe sempre ficavam preocupados quando chovia muito e a enchente vinha. Nós moramos por algum tempo em Rio do Sul.

O Rio dos Hóspedes estava muito cheio. As águas já haviam ultrapassado as margens e estavam na estrada, subindo pela colina. Papai foi pelo ca-

minho, à frente: os trabalhadores atrás dele, com ferramentas (pás, foices, estacas, etc).

Eu, Erna, sempre curiosa queria ver o que era feito. Coloquei uma velha bota e com um velho guarda-chuvas, também queria ajudar.

Então perguntei:

— “Papai, qual a finalidade de construir uma escada tão alta? Onde irá colocar?”

E ele respondeu:

— “É para a mamãe poder melhor subir e poder te pegar quando a enchente chegar. Dai, nós necessitaremos partir.”

O caminho foi bem arrumado até uma grande elevação.

Lá havia um tronco de uma grande árvore, onde papai construiu um rancho ou choupana (com acomodações para a família). Tudo foi muito bem limpo e papai arrumou alguns pedaços de madeira para a segurança, e até um varal para pendurar roupas.

Papai disse:

— “Erna, vá agora para casa e diga à mamãe para mardar uma garrafa com querosene e me traga aqui esta garrafa.”

O papai passou toda a querosene no tronco da árvore. Então ele pregou tudo. Tudo foi muito limpo.

Então eu perguntei:

— “Papai, qual a razão do querosene?”

Ele respondeu:

— “Irá nos proteger de formigas, largatas venenosas e cobras, que morrerão com o querosene. Assim, se nós precisarmos colocar nossas crianças aqui, elas estarão seguras.”

Tão prudentes eram os nossos pais! Porém, nós nunca precisamos usar o rancho.

Mas agora, depois de 1984, muito deveria ser feito nos morros, muito, muito...

Papai e Mamãe diziam sempre:

“Crianças, não construam na planície”.

Agora, o papai e a mamãe já estão mortos.

E, ao contrário, as crianças construíram onde acharam mais bonito. Isto foi uma grande imprudência!

A casa da Frieda, a da Rosalia a do Alfredo, a casa da Ruth (filha da Frieda), a da Sibilla (Filha da Milly), todas foram atingidas pela enchente: Muitas foram cobertas até a parte superior da fachada.

Por exemplo, a casa da Milly, de dois andares — eles tiveram que subir para o segundo andar com os móveis.

E em casa dos pais, a água foi quase acima das janelas, bem acima do chão. Todas as casas eram decoradas com móveis finos, poltronas novas e modernas.

A nova casa da Sibilla, com banheira de hidromassagem, enfim — todas as casas com tapetes e carpetes, tudo foi atingido.

Assim, com a enchente (1984), estava tudo com lama e estragado.

A água veio tão depressa! A represa de Ituporanga arrebertou — a represa em Mirim Doce também quebrou, a represa em Saiete também, assim como a grande represa em Taió, teve um lado gravemente atingido.

Isto aconteceu ao anoitecer, quando as águas atingiram 4 metros e mais ainda em Taió.

Toda a Fecularia ficou submersa. Podia-se ver somente metade do secador.

Em Rio do Sul, a Christel (Filha da Frida) e seu marido Eribert Schütz tiveram a empresa de leite atingida e a casa completamente cheia com a água até o 1º andar. No 2º andar, 16 pessoas foram salvas.

Suas 20 vacas leiteiras também salvas durante a noite, mesmo com intensa tempestade, e alojadas na montanha.

Alfred, com sua mulher, arrumou várias roupas e fez uma trouxa (inclusive com cobertores e travesseiros) levando tudo para o vizinho que morava em um monte, salvo da enchente (segundo acreditavam).

Os rios Mosquito e Tigre subiram muito e atingiram as estradas. Assim, também atingiram os vizinhos no Monte.

O Alfred levou seus pertences nas costas. Todas as outras coisas foram sendo salvas, transportadas para um morro, através da tempestade. Porém, Alfredo (já com 80 anos), não conseguia ter muita firmeza com suas pernas e caiu na água com a trouxa de roupas. Ele conseguiu nadar e se agarrar em um toco de uma cerca e salvou sua trouxa. Aí vieram as outras pessoas ajudar e puxaram-no para o barranco. Graças a Deus, ele foi salvo!

Sua esposa gritava aterrorizada: — "Alfredinho, Alfredinho!!" e desmaiou.

A Sibilla, com seu marido, conseguiram com um funcionário do Banco, uma velha canoa (um velho bote a remo). Mas, eles nunca tinham remado. Porém, eles conseguiram salvar muitas pessoas e esqueceram até de sua própria família.

A Erna, de Taió, telefonou:

"Sibilla, querida sobrinha, a água aqui no rio Mirim-Doce quebrou a represa. Ela já subiu ainda mais ou menos 2 metros."

Sibilla calculou que a água chegaria pelo menos meio metro em minha casa. Ela levou todas as coisas, inclusive vários documentos, títulos e dinheiro para sua casa, com Mama Milly.

Elas ficaram muito preocupadas, pois o marido não voltava e já fazia tempo que ele tinha saído após o almoço.

Sibilla fez uma trouxa com as roupas para as crianças. Colocou uma criança em um braço, outra nas costas

e a terceira no outro braço (pela mão) e através da tempestade ela fez a viagem 4 vezes até em cima no Morro na casa de uma amiga, com a água atingindo a barriga.

(Rosalia tinha 82 anos).

O 2º andar da casa da Milly já estava cheio de gente. Eles chegavam sem perguntar ou pedir, simplesmente chegavam...

Já era 2 horas da manhã: à noite escura: havia apenas uma pequena lanterna com pouca bateria: Milly estava lá em cima no balcão (varanda); ela iluminava lá embaixo sobre as águas para ver se seu genro aparecia. A água estava sobre a janela, quase no 2º andar: de repente ela viu uma pequena luz, que parecia estar numa canoa.

Ela gritou com toda a força e fazia sinais com a lanterna, dizendo:

— "Vão buscar a Lida e a Rosalia, buscar a Lida e a Rosalia."

Era o genro. Ele foi buscar a Tia em sua casa. A porta estava aberta. Não havia nenhuma luz; Iluminou lá dentro e ambas estavam sobre a mesa, com uma pequena trouxa e um guarda-chuva: a água já estava nos joelhos.

Elas ficaram muito alegres e pularam na canoa, para que ele as pudesse levar até a Milly no 2º andar. A correnteza jogou a canoa violentamente em um poste: os guarda-chuvas voaram longe sobre as águas, pois a tempestade continuava.

A canoa queria virar, mas ambas aprenderam com o papai, o que se deve fazer quando uma canoa estivesse na iminência de virar: eles estenderam os braços, curvando o corpo, com as mãos segurando de lado firmemente. Assim, eles se salvaram e foram para a casa da Milly. Ao chegar, precisaram pular o muro do balcão; a água já estava no 2º Andar.

O terror era grande, todos esta-

vam apavorados. Milly conseguiu deixar boa parte da roupa seca. Por toda parte escutava-se gritos de socorro.

De repente, alguém lembrou:

"Meu Deus, onde está a Ruth?"

Ertão a Milly gritou com todas as forças;

— "Vão buscar a Ruth!!!"

Foram com o bote inflável até a Ruth, que também já estava sobre a mesa. Com ajuda ela veio para o bote. Todas se alegravam bastante ao vê-la no balcão da Milly. Eles a pegaram e deram-lhe uma xícara de café, o último da garrafa térmica. O fogão a gás já estava embaixo d'água.

No outro dia, quando amanheceu, todos se dirigiam para o monte, lá onde estava a Sibilla, porque eles pensaram que o Rio tinha levado a casa em Rio do Oeste.

A Ruth conduziu a todos mais adiante, em um carro de boi, no monte. Havia pessoas que ainda tinham madeira para queimar.

Apesar de estar salva, a Ruth estava completamente em estado de choque, ficando sentada, durante 9 dias em uma cadeira, alimentada somente com chá, ministrado com uma colher.

A casa estava tão cheia, com nenhum lugar para deitar. No 9º dia, veio ajuda e com uma canoa puderam levá-la ao hospital.

Porém, tudo continuava ainda

muito estreito no porão da Milly. Mas graças a Deus, ela sobreviveu e somente agora há pouco tempo, no dia 11 de julho de 1991 ela faleceu, aos 88 anos de idade.

Naquela ocasião, todos estavam apavorados: mães e filhos.

Existe um ditado que diz: "Quem não pode escutar, precisa sentir". Papai e mamãe diziam sempre: "Crianças, construam nos montes, nunca nas planícies..."

Agora, 1992, no começo de junho, novamente uma enchente crítica. A Linda em Blumenau, teve água novamente em casa. Não se escutou a chuva e a água veio.

Em Taió, na Erva, sua fecularia foi atingida novamente pela enchente, sendo obrigada a tirar todos os motores da fábrica.

Várias mães, filhos e netos já moram nos montes.

Sibilla e a Milly e também outras pessoas tomaram a decisão de morar em segurança nos morros.

Sempre digo:

"Ah, assim é a vida, tudo se repete novamente."

Agora, todas as mães e crianças da família já estão velhas. As novas gerações da família não terão mais nenhuma preocupação.

Agora eu também estou com 82 anos de idade e escrevo com mãos trêmulas."

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (IX)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Termo 3: Campanha da Fraternidade e Semana Santa.

Termo 4: Festa da Gruta, em ... 05.05.

Termo 5: Celebração do Dia das Mães, em 12.05.

Termo 6: Programas religiosos da Ave Maria pela Rádio de Gaspar.

ANO DE 1968:

Termo 1: Transferência de Fr. Godofredo para Petrópolis. Tomada de posse do novo vigário Fr. Valeriano Prangenberg, em 13.02.

Termo 2: Curso para formação de líderes cristãos em Blumenau, em 22.03.

Termo 7: Festa de São Pedro, em junho.

Termo 8: Construção do salão paroquial.

Termo 9: Curso de Enfermagem e Curso de Liturgia, em agosto.

Termo 10: Encontro Regional da Ordem Terceira, em 25.08.

Termo 11: Curso de Ação Social, em setembro.

Termo 12: Homenagem a São Francisco, em 04.10.

Termo 13: 1ª. Comunhão de 156 crianças na matriz, em 27.10.

Termo 14: Passeio das crianças de catequese, em 17.11.

Termo 15: Visita de D. Quirino Schmitz, bispo de Teófilo Otoni, em 24.11.

Termo 16: Jubileu sacerdotal de D. Quirino, em 28.11.

Termo 17: Curso de Liderança Cristã, em 03.12.

Termo 18: Visita de D. Carlos Schmitt, em 11.12.

Termo 19: Recepção do neo-sacerdote Fr. Tarcísio Theiss, em 14.12.

Termo 20: Ordenação sacerdotal de Fr. Tarcísio Theiss e ordenação diaconal de Fr. Mário Manrich em Gaspar, em 15.12.

Termo 21: Missa do galo, em 25.12.

Termo 22: Missa de final do Ano, em 31.12.

Nota: O 3º. Livro de Tombo da Paróquia São Pedro Apóstolo de Gaspar, possuindo 150 folhas foi encerrado em 28.11.1983. No entanto, encerre a síntese dos termos com o ano de 1968, salvaguardando assim o tempo de sigilo aos termos anotados. ..

APÊNDICE

Lista dos sacerdotes e bispos gasparenses:

1. Frei Daniel Hostin — OFM — Ordenado em 30.11.1917. Falecido em

Lages, em 08.11.1973.

2. Frei Ernesto Emmendoerfer — OFM — Ordenado em 18.04.1920. Falecido em Trier-Alemanha, em 05.02.1980.

3. Frei João Evangelista Reinert — OFM — Ordenado em 18.12.1920. Falecido em Blumenau, em 26.04.1948.

4. Frei Antonino Zimmermann — OFM — Ordenado em 19.12.1925. Falecido em Blumenau, em 06.08.1965.

5. Frei Anacleto Wiltschnig — OFM — Ordenado em 23.12.1928. Falecido em Florianópolis, em 13.10.1974.

6. Frei Canisio Eberardt — OFM — Ordenado em 02.12.1934. Falecido em Curitiba, em 25.02.1970.

7. Frei Reinaldo Muller — OFM — Ordenado em 28.11.1937. Falecido em Agudos, em 07.05.1971.

8. Pe. Bernardo Emmendoerfer — SCJ — Ordenado em 08.12.1938.

9. Frei Quirino Schmitz — OFM — Ordenado em 28.11.1943.

11. Frei Leonardo Wilbert — OFM — Ordenado em 30.11.1945.

12. Pe. Roque Schmitt — SCJ — Ordenado em 07.07.1946.

13. Pe. Júlio Lenfers — SCJ — Ordenado em 07.07.1946.

14. Frei Argemiro Schmitt — OFM — Ordenado em 03.12.1946.

15. Pe. Leopoldo Muller — SCJ — Ordenado em 06.07.1947.

16. Pe. José Vailati — SEC — Ordenado em 28.01.1951.

17. Frei Libório Schmitt — OFM — Ordenado em 26.07.1951. Falecido em Barra Velha.

18. Frei Juvenal Sansão — OFM — Ordenado em 01.07.1954.

19. Frei Wilson Zimmermann — OFM — Ordenado em 15.12.1964.

20. Pe. Lino Fistarol — SDB — Ordenado em 01.07.1965.

21. Frei Antônio Moser — OFM — Ordenado em 15.12.1965.

22. Frei Ivo Theiss — OFM — Ordenado em 21.12.1966.

23. Frei Guido Scotini — OFM — Ordenado em 22.12.1966.
24. Frei Mário Manrich — OFM — Ordenado em 12.1967.
25. Frei Tarcisiô Theiss — OFM — Ordenado em 15.12.1968.
26. Frei Flaviano Oecksler — OFM — Ordenado em 13.12.1970.
27. Frei José Fernando Eberardt — OFM — Ordenado em 19.12.1971.
28. Frei Guido Scheid — OFM — Ordenado em 15.12.1973.
29. Pe. Claudionor Schmitt — SCJ — Ordenado em 13.12.1975.
30. Frei Lindolfo Schmitz — OFM — Ordenado em 02.07.1983.
31. Frei Evaristo Pascoal Spengler — OFM — Ordenado em 19.05.1984.
32. Pe. Antônio Francisco Bohn — SEC — Ordenado em 11.08.1985.
33. Frei Fidélis Bittencourt — Ocist — Ordenado em 08.12.1988.
34. Pe. Celso Antônio Marquetti —

SEC — Ordenado em 02.09.1990.

35. Frei Jaimbe Spengler — OFM — Ordenado em 17.11.1990.

Destes sacerdotes, três foram sagrados para o episcopado:

1. Dom Frei Daniel Hostin — Bispo de Lages — SC — em 29.09.1929.

2. Dom Frei Carlos Schmitt — Bispo de Dourados — MS — em 28.10.1960,

3. Dom Frei Quirino Schmitz — Bispo de Teófilo Otoni — MG — em 25.04.1931.

Resenha:

Franciscanos	27
Sagrado Coração	5
Seculares	3
Salesianos	1
Cistercienses	1
Sagrados Bispos	3
Já falecidos	8
Deixaram o ministério	4

FALECEU LAURO LARA

Embora já estivesse há muito lutando contra pertinaz enfermidade, e, por isso mesmo, muitos de seus amigos sabiam que sua vida não seria longa, assim mesmo a notícia do falecimento de Lauro Lara, causou aquela triste repercussão que a morte de um amigo sempre nos causa. Isto porque, nos últimos anos, é que o jovem (43 anos) escritor e jornalista estava decolando em vôo mais alto nos seus objetivos não só de jornalista mas especialmente, nas atividades culturais direcionadas pelo mundo das letras. Editou seu primeiro livro "Jun-

diá", coordenou, editando "Blumenália Poética" e partia para outras realizações quando foi vencido pela morte.

Lauro Lara foi sepultado no mesmo dia em que morreu: 27 de julho, em Timbó, cidade em que nasceu.

Lauro Lara não possuía inimigos: porque não tinha como fazê-lo, dadas suas características fraternas e acessíveis a todos. Leva, portanto, a melhor bagagem que todos desejariam levar daqui: amizade, lembranças agradáveis e saudade, o melhor lenitivo para o descanso de sua alma.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos da página de anúncios do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia) de 26 de novembro de 1881.

AOS ELEITORES!

A 4 de dezembro realiza-se a eleição de deputados para a Assembléia Provincial. Para este fim, a nossa Província foi dividida em dois distritos eleitorais, dos quais cada um deverá eleger 11 deputados. Mas, cada eleitor só poderá dar o seu voto a um único cidadão.

No entanto, esta eleição só pode ter resultado benéfico para o bem da comunidade, se todos os eleitores se unirem em torno de um único nome, deixando de lado os partidos ou as simpatias pessoais, cidadão este, que pela sua atividade comprovada e profundo conhecimento das condições e das particularidades locais, prometa uma representação proveitosa de nossos interesses.

Para este fim, os eleitores reunidos no dia de ontem, aqui em Joinville, resolveram dar os seus votos ao cidadão Hermann August Lepper, escolhido por votação, e depois da aquiescência do mesmo, os eleitores abaixo assinados foram constituídos em comissão a fim de convidar todos os eleitores não presentes à reunião, para darem o seu voto ao candidato escolhido.

Todos aqueles, convictos de que a dispersão de votos entre o eleitorado não leva a resultado algum, pelo presente são convidados a entregarem a sua cédula com os dizeres abaixo.

Joinville, 21 de novembro de 1881.

O. Doerffel, C. J. Parucker, Friedrich Heeren, Crispim de Oliveira Mira, Antônio José Ribeiro, Francisco Machado da Luz, Friedrich Jordan, Jean Bauer.

Anotar sobre a cédula:

Germano Augusto Lepper,
negociante, residente em Joinville.

Escrever no envelope:

Para Deputado da Assembléia Provincial do 1º. Distrito.

EXAME ESCOLAR

Segunda-feira, 5 de dezembro, realiza-se o exame escolar do corrente ano na Primeira Escola Pública, começando às 8 horas da manhã. Foram nomeados examinadores os senhores: C. W. Boehm e C. Monich.

Os familiares dos alunos, assim como a Diretoria e os amigos da Escola, são convidados para assistirem ao exame.

Joinville, 24 de novembro de 1881.

O Delegado Literário Dr. Wigand Engelke.

A coleção do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

A Degola de Procópio José de Bayer

Edison d'Ávila

A Revolução Federalista de 1893 em Itajaí foi marcada por acontecimentos de extrema violência, nunca antes nem depois conhecidos nos anais históricos do Município.

A ocupação da cidade por tropas do Exército Libertador, sob o comando do General federalista Gumercindo Saraiva, no começo de dezembro de 1893; a chegada quase imediata das tropas republicanas da Divisão do Norte, comandadas pelo General Francisco Rodrigues Lima e pelo Senador Pinheiro Machado; e o combate terrível travado entre os dois exércitos encheram de temor a população e tingiram o solo de Itajaí de muito sangue das centenas de combatentes mortos ou feridos. (1)

A violência, porém, não se perpetrou apenas entre os combatentes, mas também contra os adversários políticos e a população civil. Dos inúmeros episódios acontecidos, aquele que mais chocou a cidade foi certamente a degola do comerciante Procópio José de Bayer.

Procópio residia no bairro Fazenda, onde tinha uma casa de comércio, na esquina da hoje rua 11 de Junho com a rua Agostinho Fernandes Vieira. Era casado com Luiza Zeis Bayer e tinha oito filhos menores.

A identidade deste trágico personagem da história itajaiense revela informes curiosos. Segundo dados colhidos nos arquivos da Paróquia de São Pedro Apóstolo de Gaspar, (2) ele era natural do Rio Grande do Sul e, em verdade, chamava-se Procópio José de Bailon; sendo filho de Juventino José de Bailon e Francisca de Bailon. No entanto, nos registros de qualificação de eleitores da Paróquia de São Pedro Apóstolo de Gaspar, de 1876, constantes do acervo do Arquivo Histórico de Itajaí, seu nome é Procópio José de Bairo ou Bairro; tendo na ocasião 32 anos; era solteiro e alfabetizado e exercia a profissão de carpinteiro. (3)

Sua mulher por outro lado, Luiza Zeis ou Sais, era natural de Belchior, Gaspar, e filha de Pedro Sais e Catarina Rausch. Procópio e Luiza eram moradores em Belchior, quando em 1887 batizaram na Matriz de Gaspar o filho Procópio José de Bailon, nascido naquele ano.

Não há indicações da época em que a família se mudou para Itajaí. O certo é que, nesta cidade, já se identificava com o patronímico germânico Bayer, tendo abandonado o castelhano Bailon. Foi assim que o Presidente do Conselho de Intendência Municipal de Itajaí, Dr. Pedro Ferreira e Silva, identificou-o, como vítima da Revolução de 1893, em relatório ao Governador Moreira César, em 17 de julho de 1894. (4)

Também foi como Luiza Zeis Bayer que a viúva se identificou nos registros do seu segundo casamento, em 5 de junho de 1897, com Bertino Fernandes Vieira, na Matriz de Itajaí. O mesmo filho, batizado em Gaspar como Procópio José de Bailon, casou-se em Itajaí, a 14 de junho de 1909, com o novo nome de Procópio José de Bayer. (5)

Teriam sido a influência do meio alemão, que imperava em Belchior, e as origens germânicas da esposa responsáveis pela germanização do nome da família?

As razões da trágica morte de Procópio são divergentes. Há a versão, segundo a qual Procópio teria denunciado às tropas republicanas da Divisão do Norte diversos simpatizantes federalistas de Itajaí que, por causa disso, foram presos e sofreram violências, (6) Outros contam que, adversário dos federalistas, teria à noite, cortado a cauda do cavalo de um comandante maragato. O gesto cruel e atrevido foi tomado por retaliação política. (7)

Quando retornaram a Itajaí, depois da retirada estratégica do dia 10 de dezembro, os federalistas destacaram um piquete de soldados a cavalo para ir prender Procópio. Na tarde do dia 14 de dezembro de 1893, encontraram-no sentado à porta de casa e o prenderam.

Os cavalarianos o trouxeram de arrasto até a esquina da rua Pedro Ferreira com a rua Silva, local ermo à beira do rio Itajaí-açu. O preso estava aterrorizado e a cada instante implorava clemência, sempre alegando ser inocente. Os soldados, todavia, pouco se importaram com aqueles rogos desesperados e com o pavor que tomara conta da vítima, a qual já antevia seu trágico fim.

Então, amarraram Procópio num poste de madeira que servia à linha telegráfica. Um dos soldados sacou da cintura afiada faca, com a mão esquerda, pelos cabelos, puxou para trás a cabeça de Procópio que, de olhos esbugalhados, e soltando terríveis berros, teve a garganta cortada. O corpo do infeliz pendeu inerte, pois o corte lhe fora fatal. Eram duas horas da tarde.

Por cerca de três dias, o cadáver ficou insepulto, amarrado ao poste. Parentes e amigos, temendo represália, tardaram em dar sepultura ao corpo do desditoso Procópio.

Notas Bibliográficas:

- (1) d'ÁVILA, Edison. **Pequena História de Itajaí**. Itajaí, PMI, 1982.
- (2) Paróquia de São Pedro Apóstolo de Gaspar. Livro nº. 3 de Batizados.
- (3) Arquivo Histórico de Itajaí. CMI/S/RE/qe, Cx. 03, Lv. 02, 1876.
- (4) Arquivo Histórico de Itajaí. CMI/S/CE, Cx. 02, Lv. 09, 1894.
- (5) Paróquia do SS. Sacramento de Itajaí. Livro de Casamentos, 1897/1909.
- (6) Carlos de Paula Seára, entrevista ao autor em 1993.
- (7) Maria Jorda d'Ávila, entrevista ao autor em 1991 e Pedro Ary Agacci, entrevista ao autor em 1993.

ACONTECEU...

JULHO DE 1993

— DIA 1º. — De acordo com relatórios divulgados pela imprensa, o faturamento nas vendas realizadas por ocasião da Feira da Amizade, realizada de 11 a 13 deste mês de julho, alcançaram a cifra de Cr\$ 1.435.294,00. A divulgação foi feita pela Secretaria Municipal de Ação Comunitária através de seu Departamento de Bem Estar Social. *** As 20:30 horas, no Museu de Arte de Santa Catarina, em Florianópolis, foi inaugurada a série de três exposições individuais de artes plásticas, com artistas de Blumenau, Joinville e Curitiba.

— DIA 2 — No Quartel situado à rua 7 de Setembro, realizaram-se várias solenidades comemorativas ao Dia do Bombeiro e que contaram com a presença de representantes da comunidade. *** As 19 horas realizou-se a solenidade de inauguração da nova ala do Fórum, denominada de Desembargador Guilherme Abry. O custo inicial da obra, fora orçado em 700 milhões de cruzeiros e a nova ala inaugurada, numa ampliação de 460 metros quadrados, foi denominada de ala "Ayres Gonçalves" em homenagem ao ex-advogado recém-falecido em Florianópolis e que militou no Fórum de Blumenau durante toda sua carreira profissional. A nova ala é composta por 12 salas. *** Foi aberto o 7º. Festival Universitário de Teatro de Blumenau: local: Teatro Carlos Gomes. Um evento que, segundo a imprensa, ganha notoriedade e respeito em todo o país.

— DIA 6 — Na rua da Glória, bairro Garcia, proximidades do Centro Social Urbano, foi encontrada uma ossada humana. Presume-se que trata-se de pessoas desaparecidas com a enxurrada de outubro de 1990 e que até agora ainda não haviam sido encontradas.

— DIA 8 — Segundo declarações feitas à imprensa, o médico legista Roland Dagnoni afirmou que a ossada encontrada no bairro Garcia, próximo ao Centro Social Urbano, não seria de um ser humano, mas de um animal qualquer. *** Ladrões entraram na Casa Flamingo, invadiram o recinto de contabilidade e turismo e levaram um bilhão de cruzeiros. Isto aconteceu em plena luz do dia. O ataque foi de surpresa, imobilizando os funcionários que se achavam no local do assalto.

— DIA 9 — A Secretaria da Criança e do Adolescente, assinou convênio com a Secretaria Municipal de Saúde, de Educação e empresas blumenauenses, objetivando a execução do Programa Social de Trabalho Educativo, abrindo assim novas 24 vagas nas diversas empresas locais. A cerimônia aconteceu no Salão Nobre da Prefeitura, presidida pelo Secretário Roberto Saut.

— DIA 11 — A imprensa blumenauense (JSC) destaca a performance da PUC, do Paraná, que conquistou, com a peça "Bella Ciao", o prêmio de melhor montagem no 7º. Festival Universitário de Teatro, encerrado no dia anterior.

— DIA 13 — Começou o II Festival Blu Jazz, um dos maiores e mais importantes eventos musicais na cidade. As apresentações das orquestras aconteceram no palco do Teatro Carlos Gomes.

— DIA 14 — O general Sérgio Henrique Tavares, comandante da 14ª. Brigada de Infantaria Motorizada, fez uma visita de inspeção ao 10º. Batalhão de Polícia Militar sediado em Blumenau. *** O Projeto Crise, da FURB, registrou a manhã mais fria do ano, com cinco graus centígrados às 6:30 da manhã. Enquanto isso, geou em 14 cidades do Estado, no planalto, sendo que a temperatura mais baixa ocorreu em Bom Jardim da Serra, com 14 graus negativos, segundo informações da imprensa (JSC), com dados não oficiais.

— DIA 15 — Repercutiu dolorosamente no meio da comunidade blumenauense, a notícia do falecimento, do sr. Paul Fritz Kuehnrich, fundador da Tecelagem Kuehnrich e que dedicou toda sua vida dinâmica em prol do crescimento da hoje conceituadíssima indústria blumenauense, reconhecida em todo mundo. Paul Fritz Kuehnrich faleceu no Hospital Santa Catarina, depois de lutar muito contra pertinaz enfermidade. Seu sepultamento ocorreu no dia seguinte, às 10 horas no cemitério de Itoupava Norte, com grande acompanhamento. Blumenau e grande parte da população de Itoupava Norte, onde se localiza a conceituada empresa que fundou, muito deve a Paul Fritz Kuehnrich, pelos elevados benefícios que resultaram para aquela população no crescimento e absorção de mão-de-obra ocorrido nestes longos anos, resultado da semente lançada por seu fundador. *** A Associação Voluntários de São Roque recebeu, nesta tarde, a doação de uma Kombi, da Secretaria Estadual de Administração e Justiça.

— DIA 16 — Segundo divulgou a imprensa (JSC), o prefeito Renato Vianna deu 15 dias para que seu secretariado apresente dados e avaliações para definir onde e como será feito a redução nas despesas do município.

— DIA 17 — Mais uma vez os termômetros caíram em Blumenau, nesta manhã, para 3,1 graus, surpreendendo a população. Aconteceu também gear nos bairros, especialmente no Progresso e Vila Itoupava. *** Após uma sequência notável de sucessos nas apresentações que se sucederam desde sua abertura, encerrou-se o II BLU-JAZZ de Blumenau, que foi a repetição do sucesso da primeira. Mesmo com a temperatura muito baixa nestes dias de apresentação, contou sempre com a casa cheia e não faltaram fartos aplausos a todos os conjuntos musicais que desfilaram no palco do Teatro Carlos Gomes. Parabéns aos organizadores.

— DIA 19 — Uma solenidade simbólica, marcou o início da implantação do sistema de esgotos de Blumenau. Os trabalhos começaram na rua Sete de Setembro, entre a praça da Fonte Luminosa e a ponte Udo Deeke. *** Num ambiente de descontração e muito entusiasmo, foi realizado o ato solene de abertura oficial do XVI Congresso Nacional das APAEs. O evento aconteceu no Pavilhão B da PROEB, às 19 horas do dia 18, domingo.

— DIA 20 — Uma "blitz" — Operação Férias da Polícia Rodoviária Federal, no posto situado na BR-470, em Salto do Norte, resultou na aplicação de 168 notificações, com a vistoria de 1300 veículos. As infrações foram diversas — falta de documentação, carteiras vencidas, excesso de peso, licenciamentos, equipamentos, etc.

— DIA 21 — Encerraram-se, no Biergarten, as apresentações da 1ª. Mostra de Danças Populares..

— DIA 22 — Começou o IV Festival de Música no Teatro Carlos Gomes, com a Orquestra de Câmara de Blumenau, apresentando-se com convidados especiais. *** Paralelamente a este evento, foi aberta a exposição "Óleos e Aquarelas", no Salão de Festas do Teatro Carlos Gomes, pelo artista plástico Élio Hahnemann.

— DIA 24 — À 8 horas da manhã, 19 cavaleiros reuniram-se em frente à Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo, para dar início a uma cavalgada de 530 quilômetros, ou seja, de Blumenau até a cidade de Iguape. O grupo denominou-se de "Cavalgada dos Independentes". O destino é participar da festa de Nosso Senhor Bom Jesus de Iguape. *** Como parte do IV Festival de Música, Renato Borguetti uniu-se à Orquestra de Câmara de Blumenau, numa apresentação admirável, aliando os acordes eruditos aos sons típicos de sua gaita, com música campeira, alcançando extraordinário sucesso e fartos aplausos da numerosa platéia que lotou o Teatro Carlos Gomes.

— DIA 27 — O grupo de música andina "Los Atipak", apresentou-se às 20:30 horas no Teatro Carlos Gomes. O grupo vem de uma tournée pelo Rio Grande do Sul, defendendo a idéia de que com o Mercosul o intercâmbio cultural é mais do que necessário. *** Nesta madrugada, faleceu o escritor e jornalista Lauro Lara, um dos maiores incentivadores dos movimentos artísticos e culturais da cidade. Lauro Lara contava apenas 43 anos de idade. Seu falecimento causou profunda consternação nos meios artísticos e intelectuais da cidade e da região.

— DIA 29 — A partir desta data, passou a funcionar o Comitê Central de Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida de Blumenau, instalado oficialmente às 20 horas, no auditório do Bloco "T" da FURB. *** O artista plástico Tadeu Bittencourt inaugurou exposição individual às 20:30 horas, no Espaço de Arte Açú-Açu. A solenidade contou com um coquetel aberto ao público. 15 trabalhos passaram a ser expostos pelo aplaudido artista plástico blumenauense. *** No pavilhão "B" da PROEB, foram descarregadas trinta toneladas de feijão doados pelo Governo Federal à Prefeitura de Blumenau para distribuição à população carente.

Reminiscências

JUBILEU EM ENCANO ALTO EM 1930

(Transcrito do "Blumenauer
Zeitung", pg. 2)

O Encano, vulgarmente conhecido por "Kannebach", está localizado na estrada geral que vai de Blumenau em direção a Indaial. Se for de trem da Estrada de Ferro, leva-se até lá 45 minutos. Um pouco antes da foz do Ribeirão Encano se forma uma

cachoeira que fornece energia à indústria.

No alto da margem esquerda está uma tecelagem, e na margem direita se localiza a Fecularia Lorenz.

Para os católicos de Blumenau, o Encano tem o seu valor simbólico. Os colonos que ali moravam, ergueram a capela de São Bonifácio e o inesquecível Pe. Carl Boegershausen, que na época atendia Joinville e Blumenau, inaugurou em janeiro de 1875, aquela casa de Deus.

A primeira missão do Padre

José Maria Jacobs, foi pregada no período de 04 a 11 de novembro no Encano e posteriormente ele passou a atender com regularidade aquela comunidade.

Na entrada da "Paustiefe" residia o Sr. Johann Tilmann, que cuidava da Capela e alojava o Padre. As aulas de catecismo eram dadas debaixo de uma grande figueira.

Todos os habitantes de lá se relacionavam com a capela, pois os cultos, casamentos, batizados e sepultamentos no cemitério anexo eram realizados ali.

Em 1906, no lugar da capela São Bonifácio, construída em madeira, deu lugar a uma nova construção, maior e em estilo enxaimel.

Mais tarde intalou-se na capela uma Escola Paroquial. O primeiro Professor foi o Sr. Josef Wamser, hoje (1930) está com 81 anos. As aulas tiveram início no dia 1º de abril.

Sucedeu-o o Professor Benno Frenzel, para o qual a comunidade construiu uma residência.

Depois veio o professor Eugen Hettrich e mais tarde o professor Florentin Vetter, falecido em 11 de novembro de 1928.

Quando construiu-se a torre que embelezou a capela, a Escola transferiu-se para a residência do Professor, que por sua vez fora ampliada com uma construção de madeira.

Neste ano (1930), por ocasião da passagem dos seus 25 anos, o P. Dionysius Mebus O.F.M. concitou a comunidade a construir uma nova Escola. O apelo foi atendido e temporariamente a Escola foi transferida para a capela. A velha escola foi demolida, o engenheiro M. Kaulich, genro do

Prof. Frenzel, fez um belo projeto que fora aprovado por todos os associados. O material para a construção, foi em grande parte doado e os serviços de remoção de terras e ajudante foi feito por voluntários. A inauguração será no dia 17 de agosto. Este dia trará muita alegria para a pequena comunidade. A escola é um enfeite para toda a região. O belo frontispício está voltado para a Estrada Geral e a linha da E.F.S.C. A escola tem uma largura de 9 metros e 13 metros de altura. Atrás dos arcos está uma varanda, na direita; e a esquerda, está um quarto. As laterais medem 17 metros dos quais 10 metros são tomados por corredores. A sala de aula é espaçosa e fica no meio, junto à parede dos fundos há 2 quartos e um palco.

O aspecto geral é agradável, colunas brancas, paredes amarelas são intercaladas com outras cores.

O terreno bem nivelado realça e causa boa impressão. Não se pode deixar de falar da rica comunidade católica escolar de Encano Baixo, o número de seus associados não ultrapassa 40 e não há no seu meio nenhum capitalista ou atacadista. Todos são colonos ou obreiros que com sacrifício e trabalho edificaram uma obra em conjunto e em harmonia.

Que a ajuda de São Bonifácio, o apóstolo dos alemães, mantenha este valioso espírito comunitário.

Nosso agradecimento a todos que colaboraram: VIVAT CRESCEAT FLOREAT.

(Tradução: C. W. H.)

(Abril/1993)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering

Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —
Frederico Kilian — Manfredo Bubeck — Hans Prayon —
Lorival Harry Hübner Saade — Frank Graf — Hans
Martin Meyer

DIRETORIA

Presidente — Elke Hering

Diretor Administrativo-Financeiro — Walter Ostermann

Diretor de Cultura — Lygia Helena Roussenq Neves

HERING

T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.
Para todo mundo. Em todos os tempos.